

FUNDAÇÃO EDSON QUEIROZ

REVISTA UNIFOR



Universidade
de Fortaleza

Ensinando e Aprendendo

EDIÇÃO 06

JANEIRO 2020

WWW.UNIFOR.BR



ONU reconhece modelo de ensino da Pós-Unifor

FONTE DE INFORMAÇÃO
PROFESSORES TRANSFORMAM
O CAMPUS EM SALA DE AULA

ENSINO SUPERIOR
QUAL A UNIVERSIDADE
DO FUTURO?

GILLES LIPOVETSKY
O PENSAMENTO TRANSFORMADOR DO
FILÓSOFO FRANCÊS

A stylized graphic of a banner or ribbon, rendered in a dark gray color, arching across the top of the page. The banner has a slight 3D effect with a darker shadow on its underside.

***ESPAÇO
CULTURAL
UNIFOR***

Sempre surpreendente!



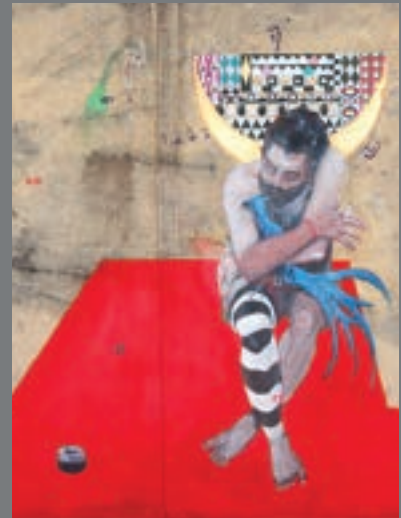
Credito: Pinterest, Desdobramento de Brasil, 1954, livro 2/1982

**DA TERRA BRASILENSIS
À ALDEIA GLOBAL -
2ª EDIÇÃO**



Albery Soares de Castro, D. Yolanda Queiroz, livro 2/1982

**YOLANDA VIDAL
QUEIROZ -
MOMENTOS**



Henrique Viudez, Bluebird, 2019 - mista 2/1982

**20º UNIFOR PLÁSTICA:
SIMULTANEIDADES -
A ARTE COM A PALAVRA**

ENTRADA GRATUITA | **TERÇA A SEXTA, 9H ÀS 19H**
SÁBADO E DOMINGO, 10H ÀS 18H


**ESPAÇO CULTURAL
UNIFOR**


**FUNDAÇÃO EDSON QUEIROZ
UNIVERSIDADE DE FORTALEZA**
ENSINANDO E APRENDENDO


UNIVERSIDADE DE FORTALEZA | AV. WASHINGTON SOARES, 1321 - EDSON QUEIROZ, FORTALEZA/CE

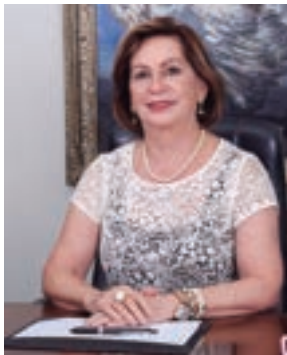
LÍDERES GLOBAIS

Liderar para Transformar é o compromisso da pós-graduação da Universidade de Fortaleza. A metodologia Líderes que Transformam, aplicada em todos os cursos, é pautada em três pilares que estimulam os alunos a serem agentes de transformação, ao proporem soluções para problemas reais.

Autoconhecimento e desenvolvimento das habilidades do século XXI, capacitação técnica de excelência e o desenvolvimento de ideias, projetos e produtos que impactam positivamente na sociedade, transferindo conhecimento, são os pilares que norteiam a metodologia reconhecida, em agosto de 2019, pela Organização das Nações Unidas (ONU), como um “case” de sucesso global em termos de educação de alto nível.

O olhar atento da ONU reforça o percurso visionário que a Universidade de Fortaleza tem percorrido ao longo dos anos. Por meio de um programa que contribui para o empoderamento humano, dentro do qual os alunos desenvolvem habilidades do século XXI, a pós-graduação aplica os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU como diretriz para seus projetos de conclusão de curso.

O reconhecimento enaltece também a relevância dos projetos e pesquisas inovadoras que respondem a desafios locais e globais, fortalecendo a qualificação voltada para o propósito do compromisso com uma sociedade mais livre, criativa, justa e solidária. 



FÁTIMA VERAS
Reitora

NOSSA CAPA
Painel Guerra e Paz, de Candido Portinari, no hall da sede da ONU, em Nova Iorque



PhotoUN

FUNDAÇÃO EDSON QUEIROZ

Presidente Lenise Queiroz Rocha

Vice-Presidente Manoela Queiroz Bacelar

UNIVERSIDADE DE FORTALEZA

Chanceler Edson Queiroz Neto

Reitora Fátima Veras

Vice-Reitor de Ensino

de Graduação Henrique Sá

Vice-Reitora de Pós-Graduação Lílvia Sales

Vice-Reitor de Extensão Randal Pompeu

Vice-Reitor de Administração José Maria Gondim

Diretora de Comunicação e Marketing Ana Quezado

Diretor de Pesquisa, Desenvolvimento

e Inovação João José Vasco Peixoto Furtado

Diretor de Planejamento

Marcelo Nogueira Magalhães

Diretor de Tecnologia

Eurico Vasconcelos

REVISTA DA UNIVERSIDADE DE FORTALEZA, DA FUNDAÇÃO EDSON QUEIROZ

Edição Luiz Carlos de Carvalho (CE00812JP)

Textos Cláudia Albuquerque, Ethel de Paula, Emanuel Furtado e Andreza Reis

Estagiários Brunna Veloso, Carol Melo, Everton Lacerda, Lígia Grillo e Vinícius Ferreira

Projeto Gráfico LaBarca.Design

Diagramação Carta&Carta

Produção Gráfica Robério Ângelo

Supervisão Gráfica Denilson Soares

Fotos Ares Soares e Saulo Galdino

Impressão Gráfica Unifor

Tiragem 3.000 exemplares

CONSELHO EDITORIAL

Henrique Sá / **Vice-Reitor de Ensino de Graduação**

Randal Pompeu / **Vice-Reitor de Extensão**

Bete Jaguaribe / **Coordenadora**

de Cinema e Audiovisual

Lara Fernandes / **Coordenadora de Direito**

CONTATO

Diretoria de Comunicação e Marketing da Unifor

Prédio da Reitoria - Av. Washington Soares, 1321, Edson Queiroz

Fortaleza - CE — Tel: +55 85 3477.3377

imprensa@unifor.br - www.unifor.br

www.facebook.com/uniforoficial

instagram.com/uniforcomunica

www.youtube.com/uniforcomunica

***Reconhecimento nacional
e internacional como uma
das melhores instituições
para estudar.***



14

48



04 EDITORIAL

08 TAGS

Resumo das principais notícias da Universidade de Fortaleza

10 PRATELEIRA

Livros de alunos e professores da Unifor para compartilhar conhecimento, por meio da literatura, poesia e textos científicos

14 MARQUE UM AMIGO

Amigos relembram a passagem de Lígia Nottingham pelos cursos de Publicidade e Jornalismo

16 INTERCÂMBIO INTERNACIONAL

Thomas Jolin e Raquel Cruz falam de suas experiências no Brasil e em Portugal

18 NO INTERVALO

Nossos alunos concludentes contam o que estão planejando para o futuro

54



18

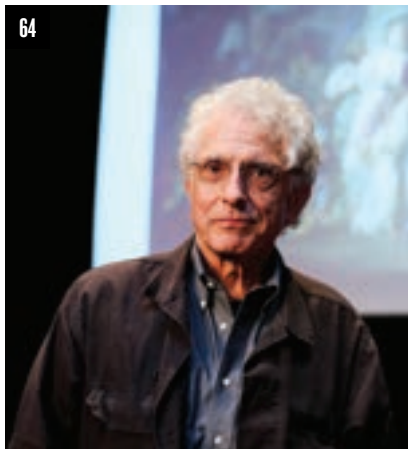


16





42



64



22

22 UNIVERSIDADE DOS FUTUROS

O futuro deixou de existir em sua forma singular, dando lugar à pluralidade dos futuros possíveis.

30 CAPA - LÍDERES QUE TRANSFORMAM

O programa de pós-graduação da Universidade de Fortaleza virou referência mundial. Saiba os motivos.

42 PROJETO VIAGENS

Missões nacionais e internacionais preparam alunos e professores para os novos desafios do mercado de trabalho.

48 ALÉM DA SALA DE AULA

O Campus da Universidade de Fortaleza vira fonte de informação (e inspiração) para alunos e professores.

54 MUNDO UNIFOR

Conheça as ideias de um dos principais pensadores da modernidade, o filósofo francês Gilles Lipovetsky.

58 TECNOLOGIA

O Parque Tecnológico gera benefícios para empresas parceiras e alunos da Universidade de Fortaleza.

64 COISA DE MENINA?

Em visita à Unifor, os psicanalistas Contardo Callegaris e Maria Homem batem papo sobre sexualidade e feminismo.

RECONHECIMENTO NACIONAL E INTERNACIONAL

Em 2019, a Universidade de Fortaleza obteve amplo reconhecimento nacional e internacional pela qualidade de ensino.

Em junho, o Times Higher Education (THE), entidade britânica que produz a principal avaliação internacional de educação, ranqueou a Unifor entre as melhores universidades da América Latina e Caribe.

Três meses depois, o THE colocou a Unifor também entre as melhores instituições de ensino superior do mundo. Já em outubro, a Universidade de Fortaleza foi ranqueada entre as 775 melhores universidades do mundo na área da saúde.

A Universidade de Fortaleza passou a figurar em 2019 também no prestigiado QS World University Rankings, que, desde 2004, avalia o desempenho de instituições de ensino superior do mundo inteiro. A Unifor foi incluída nos rankings da América Latina e dos Brics (bloco formado por Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul) pela sua excelência no ensino e na pesquisa.

O desempenho da Universidade de Fortaleza também é bem avaliado por instituições brasileiras. Pelo oitavo ano consecutivo, a Unifor foi eleita a melhor instituição de ensino



superior particular do Norte e Nordeste, segundo a edição 2019 do Ranking Universitário Folha (RUF).

Ainda em outubro, a Unifor também foi destaque no ranking universitário do jornal O Estado de S. Paulo. A Universidade de Fortaleza foi a única instituição de educação superior particular do Ceará a ter curso de graduação com nota máxima no Guia da Faculdade.

ESPAÇO CULTURAL UNIFOR ABRE TRÊS NOVAS EXPOSIÇÕES AO PÚBLICO

Três novas exposições de arte foram abertas no Espaço Cultural Unifor: 20ª Unifor Plástica: Simultaneidades - A Arte com a Palavra, Da Terra Brasilis à Aldeia Global - 2ª Edição e Yolanda Vidal Queiroz - Momentos. As exposições seguem em cartaz até março de 2020.

A abertura contou com discurso de Lenise Queiroz, presidente da Fundação Edson Queiroz e uma das filhas de Yolanda Queiroz, célebre empresária honrada com a inauguração da exposição “Yolanda Vidal Queiroz - Momentos” na noite de 10 de outubro. A 20ª Unifor Plástica reúne o trabalho de 25 artistas, com uma mescla de obras inéditas e outras produzidas

anteriormente. Os visitantes têm a oportunidade de participar de uma exibição poética, que discute assuntos da atualidade, como a inserção da mulher na sociedade, a presença indígena, a especulação imobiliária, além de questões do ser humano como a dor, o amor, a perda, o isolamento e a religiosidade.

Já a exposição “Yolanda Vidal Queiroz - Momentos” traz parte importante do acervo pessoal de Yolanda Queiroz (1928-2016), matriarca de uma das famílias mais tradicionais e de destaque no ramo dos negócios no Ceará, construída a partir de sua união com o empresário Edson Queiroz (1925-1982).

MUNDO UNIFOR: O LEGADO PARA 2022

A Universidade de Fortaleza promoveu, de 16 a 19 de outubro, intensa programação gratuita de palestras com pensadores contemporâneos, como Djamila Ribeiro, Gilles Lipovetsky e Contardo Calligaris. Além da realização de oficinas, apresentações e diversas atividades.

Durante os quatro dias do evento, ocorrido no Campus da Instituição, foi registrado público de mais de 20 mil pessoas. De acordo com o Vice-Reitor de Graduação da Universidade de Fortaleza, Henrique Sá, o evento tem uma importância enorme acerca da contemporaneidade, do futuro, e de como ligar as práticas da cidadania a um mundo em transformação contínua.

“Eu posso dizer que os temas que foram trabalhados no Mundo Unifor pertencem ao cotidiano da sala de aula, a diferença é que trouxemos outros olhares, como o do filósofo contemporâneo Gilles Lipovetsky ou do ganhador do prêmio Jabuti, o escritor Mailson Furtado, ou do rapper de grande impacto como o Gabriel O Pensador”, salienta Henrique Sá.

Leia mais sobre o Mundo Unifor nas páginas 54 e 64.



UNIVERSIDADE DE FORTALEZA OFERTA PRIMEIRA GRADUAÇÃO EM COMPUTAÇÃO EM NUVEM DO BRASIL

Em 2020.1, a Universidade de Fortaleza inicia a oferta de um novo curso: Computação em Nuvem, sob a coordenação da professora Liádina Lima. A computação em nuvem se caracteriza pela possibilidade de acessar arquivos e executar diferentes tarefas pela Internet, sem a necessidade de instalar aplicativos no computador. O armazenamento de dados é feito em serviços on-line

Até então, somente cursos de especialização em Computação em Nuvem para graduados em áreas de Tecnologia da Informação eram ofertados no país. Com a nova graduação, a Universidade de Fortaleza passa a ser pioneira no ramo, oferecendo formação integral em Computação em Nuvem.

PRATA DA CASA

LIVROS DE NOSSOS ALUNOS E PROFESSORES

DESERTOS & TRAVESSIAS: UMA IMERSÃO NO SILÊNCIO

Autora: Berta Lúcia Neves Pontes

SOBRE A AUTORA /

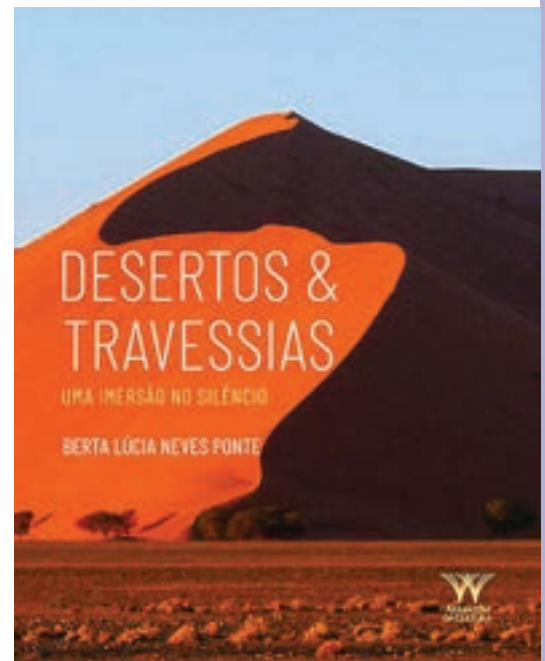
Berta Lúcia Neves Pontes graduou-se na primeira turma de Psicologia da Universidade de Fortaleza, em 1989. É psicóloga clínica com 30 anos de atuação, pós-graduada em Estudos Literários e Culturais pela Universidade Federal do Ceará, Mestre em Psicologia pela Universidade de Fortaleza e atualmente Doutoranda em Literatura pela Universidade de Évora – Portugal.

RESUMO DO LIVRO /

O livro *Desertos & Travessias* foi o resultado da pesquisa de Mestrado em Psicologia de Berta na Universidade de Fortaleza. A obra aborda a importância do silêncio face a contemporaneidade cansada. O sujeito cansado passa a se autopunir e a se torturar por uma avalanche de demandas que muitas vezes nem o pertencem. Estamos demarcados pela aceleração, produtividade e sucesso. Estar online é o *up today* que vem aprisionando e adoecendo nossa contemporaneidade.

DEPOIMENTO DA AUTORA /

“Resolvi fazer uma imersão no silêncio, de 25 dias atravessando o deserto da Namíbia (África) para retornar ao silêncio primordial e fundante que demarca todo o princípio de sentido e significado no âmago do ser. Foram realizados relatos autoetnográficos (Diário de campo) diariamente com reflexões demarcadas por cinco categorias que considero fundamentais para que retornemos à escuta de si mesmo e do outro, abarcando assim o mundo no qual habitamos. Meu desejo com a publicação dessa obra é não apenas alertar para um problema que já se configura como uma questão de saúde pública, basta olharmos os dados crescentes de depressão, mas também propor um olhar mais humano e poético da Psicologia como uma ciência da alma, da espiritualidade e da dignidade no sofrimento humano.”



ENSAIOS ACADÊMICOS DOCTRINÁRIOS

SOBRE O ORGANIZADOR /

Rômulo é advogado bacharel em Direito pela Universidade de Fortaleza, pós-graduado em Direito Empresarial. Atualmente aluno do Mestrado Profissional em Direito e Gestão de Conflitos da Universidade de Fortaleza. É professor auxiliar da Universidade de Fortaleza e Sócio Administrador do escritório Rômulo Weber Advocacia. No magistério, atuação na Graduação e Pós-Graduação, nas disciplinas de Direito Processual Civil e Direito da Propriedade Intelectual (Direito Industrial), e na advocacia, atuação no Direito Empresarial, Cível, Trabalhista e Administrativo. Professor de cursinhos preparatórios para o Exame da Ordem dos Advogados do Brasil e concursos públicos. É também palestrante e pesquisador na área do Direito Processual Civil.

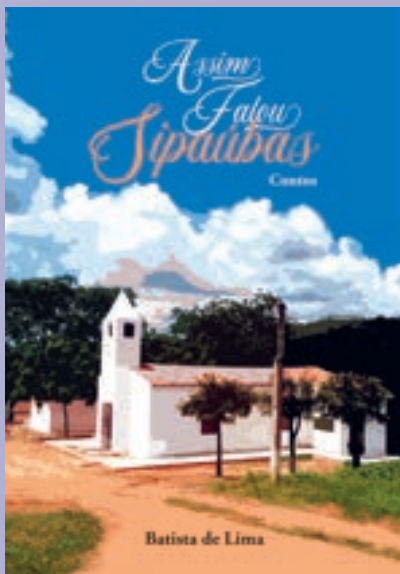
RESUMO DO LIVRO /

A obra aborda o estudo do processo civil no que tange à fase postulatória, especificamente no que tange às respostas do réu e à fase de saneamento do processo de conhecimento. O diferencial da obra está na ideia de uma escrita com linguagem simples, amparada em diferentes perspectivas doutrinárias e jurisprudenciais. O projeto consiste numa coletânea de livros abrangendo o desenvolvimento de um estudo sobre as fases do processo de conhecimento, através de quatro livros, intitulados: I) Fase Postulatória – Petição Inicial, II) Fase Postulatória – Respostas do Réu e Fase de Saneamento, III) Fase Probatória e IV) Fase Decisória.

COMENTÁRIO DO ORGANIZADOR /

“A obra é parte de um projeto que foi pensado há alguns anos, no propósito de homenagear os alunos que figuraram como destinatários do meu magistério e, por igual, àqueles que nos anos vindouros possam continuar confiando parte do seu estudo acadêmico no curso de Direito à minha singela contribuição. A ideia era que os acadêmicos autores da obra, ainda enquanto alunos da disciplina, iniciassem a escrita do livro e até a finalização do curso de graduação, realizasse, a publicação. Trata-se de um modelo redacional pensado sob as premissas daquilo que os acadêmicos sempre apresentaram a título de queixas e de boas referências, principalmente, que apontaram como algo que poderia funcionar como facilitador do aprendizado.”





ASSIM FALOU SIPAÚBAS

Batista de Lima

SOBRE O AUTOR /

Batista de Lima é poeta, escritor e professor da Universidade de Fortaleza. É graduado em Letras pela Faculdade de Filosofia do Ceará e em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). É Mestre em Literatura pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e especialista em Teoria da Linguagem pela Unifor. Atualmente, ocupa a cadeira nº 2 da Academia Cearense de Letras e ocupa a cadeira nº 36 da Academia Cearense da Língua Portuguesa.

SINOPSE DA OBRA /

Assim Falou Sipaúbas reúne contos publicados por Batista de Lima durante dez anos no jornal Diário do Nordeste. O livro traz histórias rotineiras de personagens típicos da cidade interiorana Sipaúbas.

“Meu livro anterior de contos se chama O pescador de Tabocal. Era uma cidade também fictícia e Sipaúbas é uma cidade que fica próxima a Tabocal. Nessa cidade, tem diversos personagens característicos. Em cada conto os personagens têm tipos bem característicos, como o maníaco, o coveiro, o padre conservador etc.. Esses contos foram publicados no Diário do Nordeste ao longo dos últimos dez anos que escrevo no jornal. Agora selecionei em torno de 20 contos muito interessantes, porque são contos que o público que leu no Diário do Nordeste já consagrou, seja por e-mails, comentários ou ligações que recebi”. Batista de Lima

LÍGIA NOTTINGHAM

AMIGOS E PROFESSORES PARTILHAM UM POUCO DA TRAJETÓRIA DE LÍGIA NOTTINGHAM, EX-ALUNA DOS CURSOS DE PUBLICIDADE E JORNALISMO DA UNIFOR, QUE SE ENCANTOU PELO PODER DA COMUNICAÇÃO DENTRO DO UNIVERSO DA MODA, TORNANDO-SE PROFESSORA, PESQUISADORA E EMPREENDEDORA NA ÁREA.

Formada em Publicidade e Propaganda, Jornalismo e Especializada em Moda e Comunicação, Lígia Nottingham descobriu por meio dos estudos da semiótica sua grande paixão: estudar sobre moda e comunicação. Lígia trabalhou durante alguns anos em agências de comunicação. Em paralelo, criou um blog de moda em 2007, tornando-se umas das pioneiras no mercado cearense, e por isso, anos depois, foi convidada para ser colunista do jornal Diário do Nordeste.

“Um trunfo! A realização de um sonho! Dentro do jornal eu descobri que estava longe de entender a linguagem jornalística, e com as conversões das mídias, percebi que o profissional que tivesse nas mãos os conhecimentos da publicidade e do jornalismo, com certeza, sairia na frente. Foi o que eu fiz. Acredito que meu maior diferencial é realmente poder passear pelos universos das duas principais áreas da comunicação”, declara Lígia.

Lígia também estudou moda na London College of Fashion, em Londres, e também atuou como professora na extensão e na graduação do curso de Jornalismo da Universidade de Fortaleza.

Atualmente, é proprietária da Gazette Digital, empresa de produção de conteúdos para redes sociais e realização de projetos especiais. **U**



WAGNER BORGES GONDIM / COORDENADOR DO CURSO DE JORNALISMO, FOI PROFESSOR DE LÍGIA

A Lígia sempre chamou atenção porque sempre foi muito inquieta, muito curiosa e ao mesmo tempo muito estudiosa e empreendedora, acho que são elementos fundamentais para quem quer ir longe em qualquer carreira e profissão. Diante das oportunidades que eu tive de trabalhar com ela ou de estudarmos juntos, qualquer desafio que você colocasse, Lígia tentava fazer do jeito dela, mas com muita humildade e assertividade.

MARQUE UM AMIGO



ERICK PICANÇO DIAS
DIRETOR COMERCIAL, EX-COLEGA DE GRADUAÇÃO DE LÍGIA

Na época da faculdade a Lígia já era um ícone, a menina do cabelo rosa. Busquei conhecê-la pela curiosidade. Sempre muito estilosa, ela chamava a atenção. Com o tempo conheci a moça estudiosa, parceira para qualquer momento. Ela é uma mulher dinâmica, que não tem medo dos desafios, dona de uma energia contagiante e muito amiga de quem a rodeia. A Lígia hoje é um modelo de família, amizade. Lígia é uma desbravadora que ensina a seguir os sonhos.



ANA PAULA FARIAS
JORNALISTA, FOI PROFESSORA DE LÍGIA

Ela é uma pessoa muito viva, muito envolvida! Sempre foi ocupada, mas quando estava em sala de aula, estava ali inteira. Ela tanto ouvia, como contribuía e perguntava. Eu voltei a encontrar com a Lígia em outros momentos, mas o mais especial foi encontrar com ela no dia da defesa do seu TCC. Foi muito interessante ter acompanhado a trajetória da Lígia e ter sido parte da sua história também.



ALEJANDRO VIVANCO SEPULVEDA
JORNALISTA, FOI PROFESSOR DE LÍGIA

A Lígia sempre assumiu uma postura muito ativa dentro da sala de aula. Ela sempre dava o seu melhor, contribuía com base nas experiências de vida e conhecimentos que ela tem, sempre numa postura muito questionadora sobre o tema que a gente estava tratando em sala, o que contribui muito. Acho que qualquer professor gostaria de ter alunos como a Lígia.



ÊNIO ALVES DE ANDRADE/BANCÁRIO,
EX-COLEGA DE GRADUAÇÃO E MARIDO DE LÍGIA

A Lígia chamou minha atenção mesmo antes de conhecê-la. Dois anos depois de formados nos reencontramos e começamos a namorar. O resultado é que sou casado com minha colega de faculdade que nunca para de estudar, trabalha muito, é uma pessoa maravilhosa e mãe da filha mais linda do mundo. Sempre pesquisando muito sobre o mercado da moda, psicologia e consumo. Ela busca muito ver o lado positivo das coisas e isto é o que mais me inspira nela.



IDAS E VINDAS

INÚMERAS SÃO AS POSSIBILIDADES QUE O PROGRAMA DE INTERCÂMBIO PODE OFERECER. CONFIRA OS CAMINHOS TRILHADOS POR ESSES DOIS ESTUDANTES.

Thomas Jolin escolheu Fortaleza pela sua brasilidade

NOME / Thomas Jolin

IDADE / 22

LOCAL DE ORIGEM / Lille, França

CURSO DE ORIGEM /
Administração

CURSO QUE FAZ NA UNIFOR /
Administração

PERÍODO DO INTERCÂMBIO /
10 de agosto a 17 de dezembro de 2019

Como tem sido sua experiência como intercambista?

No início, eu tive de escolher entre Fortaleza, São Paulo ou Rio de Janeiro. Eu escolhi Fortaleza pois, para mim, é a cidade mais brasileira do país. São Paulo e Rio são cidades mais cosmopolitas e internacionais, então não era o que eu procurava. Os brasileiros são muito receptivos e aqui no Nordeste tem uma cultura muito forte do forró, músicas regionais, arte, entre outras coisas. Em relação à universidade, eu gostei bastante das pessoas e também achei interessantes alguns cursos, pois se pode aprender muito sobre a arte e cultura do Brasil. Também tem o curso de português, que é bem difícil para mim, mas eu estou melhorando aos poucos.

Qual a importância do intercâmbio na sua vida acadêmica e profissional?
O intercâmbio é muito importante! Primeiramente, é possível aprender

uma nova língua e também conhecer novas pessoas. Então, é criada uma rede de contatos que auxilia para viajar pelo país ou fazer outras coisas em outros países. Além disso, você aprende um novo estilo e filosofia de vida. Há muitas coisas que são muito diferentes do povo brasileiro para os franceses. Um exemplo é a receptividade, se eu vou para uma boate, por exemplo, eu sei que posso conversar com todos ali. Os franceses são mais orgulhosos, frios e fechados na sua própria bolha.

O que de melhor você vai levar do intercâmbio?

Eu tive ótimas experiências em Fortaleza, porém, a melhor lembrança que eu irei levar aqui da Universidade de Fortaleza é o bonito campus, com vários animais. Os estudantes também são muito legais. Além disso, os professores são muito atenciosos e amam sua profissão. Tudo isso vou levar comigo. **U**



Raquel Cruz destaca a experiência internacional no intercâmbio

NOME / Raquel Cruz

IDADE / 31 anos

LOCAL DO INTERCÂMBIO /
Porto, Portugal

CURSO QUE FAZ NA UNIFOR /
Nutrição

CURSO QUE FAZ NO INTERCÂMBIO /
Nutrição

PERÍODO DO INTERCÂMBIO /
Fevereiro de 2019 a fevereiro de 2020

Como tem sido sua experiência como intercambista?

A princípio tive muitas dúvidas a respeito do intercâmbio, pois já estava com uma rotina bem estabelecida em Fortaleza. Com o grande incentivo do meu noivo e dos meus amigos decidi adiar momentaneamente meus planos para embarcar para Porto, em Portugal. Cheguei em Porto no inverno e, particularmente, tive muita dificuldade com o frio, além de muitos outros processos de adaptação como alimentação, sistema de transporte e funcionamento da faculdade, todos permeados pela saudade de casa. Conhecer lugares novos e se sentir cidadão do mundo tem sido uma experiência inexplicável! Além disso, sair da zona de conforto proporciona um crescimento pessoal que eu nunca imaginei que teria.

Qual a importância do intercâmbio na sua vida acadêmica e profissional?
Saí do Brasil com a certeza de que

precisava fazer essa experiência única valer muito a pena. Encontrei projetos maravilhosos, de muita relevância científica. Atualmente, faço parte de um estudo clínico randomizado que pretende reduzir o consumo de sal dos portugueses. Diante dessas experiências, foi possível também valorizar ainda mais o ensino que recebo dos meus professores na Unifor, que tanto são respeitosos e dedicados ao nosso aprendizado. Um mar de novas possibilidades e conhecimentos se abriu!

O que de melhor você vai levar do intercâmbio?

Levarei as amizades que fiz aqui, a importância da família e dos amigos, os lugares que conheci e a visão de um pôr do sol mais lindo que o outro em cada cantinho diferente que passei. Além disso, o autoconhecimento e a superação dos desafios foram os pontos que mais me marcaram nessa experiência. Percebi a força que tenho em mim. **U**

QUAIS SÃO OS SEUS PLANOS PARA O FUTURO?



“Para mim, a Universidade de Fortaleza é um lugar de amparo, consigo estudar e me concentrar bem aqui. E além disso, a Unifor significa relevância, eu me inspiro muito no que a instituição é e no que ela tem se tomado para mim e para o mundo, isso me inspira.”

BIANCA SIMEÃO/ 24 ANOS /ESTUDANTE DE ARQUITETURA E URBANISMO

“Eu sempre quis estudar aqui, desde o ensino médio, sem saber ao certo o que fazer e acabei me encontrando na Educação Física. Mas eu sempre quis estar aqui dentro, inclusive porque sou atleta e tinha um sonho de jogar no time daqui. Então foi influência muito grande na minha vida profissional.”

BEATRIZ HOLANDA / 24 ANOS / ESTUDANTE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

“A Universidade de Fortaleza foi a ferramenta que me colocou no trilho do caminho que eu sempre quis seguir, que vai me possibilitar chegar no lugar que eu quero. Além disso, aprendi com professores capacitados e fiz muitos contatos.”

MÁRIO NEVES/ 22 ANOS / ESTUDANTE DE EDUCAÇÃO FÍSICA





“Não consigo descrever a importância que a Universidade de Fortaleza tem para mim, porque aqui é praticamente a minha segunda casa. Foi um lugar que me acolheu muito e me formou academicamente, inclusive aqui eu tive a minha primeira experiência de trabalho. Realmente, foi um lugar de crescimento profissional e pessoal, tudo foi construído aqui dentro.”

MATEUS MACEDO / 23 ANOS / ESTUDANTE DE PUBLICIDADE E PROPAGANDA

“Eu digo que, durante essa jornada, a Universidade de Fortaleza representou um grande potencializador do meu crescimento como pessoa. Aqui eu ganhei prêmios nacionais que eu nunca imaginei que venceria, conheci pessoas incríveis e ganhei oportunidades de aprendizado único.”

LÍVIA FERRAZ, / 21 ANOS / ESTUDANTE DE PUBLICIDADE E PROPAGANDA

“Para mim, a Unifor foi muito mais do que eu pude imaginar, foi muito além de só uma universidade. Esse lugar significa um pouco de tudo: apoio, amizade, conhecimento.”

AMANDA MESQUITA / 21 ANOS / ESTUDANTE DE PUBLICIDADE E PROPAGANDA

“A Universidade é muito boa, tanto em relação aos professores, como a grade curricular, a estrutura e o ambiente. Foi um lar para mim durante 5 anos.”

**ANA MÍRIAM / 23 ANOS /
ESTUDANTE DE ODONTOLOGIA**

“Essa já é a minha segunda graduação aqui na Universidade de Fortaleza, e eu sou apaixonada por esse lugar. Eu amo o campus, adoro a equipe de docentes e os funcionários, além dos amigos que fiz, que espero levá-los comigo para o resto da vida.”

**SUIANNY FAUTH / 34 /
ESTUDANTE DE ODONTOLOGIA**



“Eu sempre quis fazer odontologia, desde os meus 7 anos eu quero ser dentista, e a Universidade significou a concretização desse sonho. Esse lugar é como uma mãe, que me abraçou nesse curso e está me ajudando a realizar meu desejo de infância.”

VICTÓRIA GOMES /21 ANOS/ESTUDANTE DE ODONTOLOGIA

“Esse lugar foi muito importante para a minha vida profissional, pois eu abri mão de uma carreira para voltar a fazer faculdade. E aqui com essa estrutura e minha dedicação, se tornou a minha segunda casa.”

EDLA BRITO / 37 ANOS / ESTUDANTE DE ODONTOLOGIA



“A Unifor me possibilitou um desenvolvimento pessoal e profissional. E eu tenho certeza que aqui eu me capacitei para seguir qualquer rumo da minha profissão, seja advogar ou prestar concurso.”

YAGO PINHEIRO / 22 ANOS / ESTUDANTE DE DIREITO

“No meu curso eu tive a oportunidade de fazer muitos contatos extra universidade, e isso foi muito enriquecedor. Realmente, foi muito importante para o meu crescimento profissional.”

ARTHUR ALMEIDA / 21 ANOS / ESTUDANTE DE CINEMA E AUDIOVISUAL

“Com certeza essa foi a melhor Universidade que eu poderia ter escolhido para ter a minha formação. Conheci pessoas muito importante que eu vou levar para o resto da vida. E além disso, a Universidade de Fortaleza abriu um espaço muito grande para que eu pudesse iniciar minha vida profissional que foi a TV Unifor.”

VIVIANE SACRAMENTO / 22 ANOS / ESTUDANTE DE CINEMA E AUDIOVISUAL



A UNIVERSIDADE DOS FUTUROS

“ESTAMOS VIVENCIANDO UM PERÍODO HISTÓRICO DE COMPLEXAS TRANSFORMAÇÕES, EM QUE AS MUDANÇAS OCORREM EM VELOCIDADE EXPONENCIAL”, CONSIDERA A PROFESSORA BEATRIZ ROSA, DOUTORA EM DIREITO CONSTITUCIONAL E GESTORA RESPONSÁVEL PELA PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU E EDUCAÇÃO CONTINUADA DA UNIVERSIDADE DE FORTALEZA. “OS REFLEXOS SÃO SENTIDOS IMEDIATAMENTE NA DINÂMICA SOCIAL, NOS SISTEMAS DE PRODUÇÃO, NA ÁREA CIENTÍFICA E, ATÉ, NA FORMA COMO AS PESSOAS PASSARAM A SE RELACIONAR”.

TEXTO / CLAUDIA ALBUQUERQUE
FOTO / ARES SOARES



Inseridos no olho do furacão, os professores estão sendo instigados a refletir sobre o contexto atual de aprendizagem, de forma a perceber o perfil dos alunos que estão ingressando no ensino superior e a reconstruir suas práticas docentes. “Entendo que os professores têm um relevantíssimo papel no processo de ensino-aprendizagem. No século XXI, é imprescindível a compreensão de que o modelo

de ensino conservador, caracterizado por conteúdos fragmentados e aulas exclusivamente expositivas devem dar lugar ao ensino participativo”, acrescenta Beatriz.

O mundo se transforma, e com ele a sala de aula. O futuro deixou de existir em sua forma singular, dando lugar à pluralidade dos futuros possíveis. “Então, temos que estar preparados para várias possibilidades. Ou seja: estar abertos e conectáveis para distintas opções”, diz o professor Henrique Sá, Vice-Reitor de Ensino de Graduação da Universidade de Fortaleza. “Não há profissões do futuro. Existem práticas profissionais que vão se adaptar às distintas possibilidades de futuro que podem vir pela frente. O futuro vai deixando de existir na medida que se torna presente”.

A psicóloga Marselle Fernandes, há 11 anos professora da Graduação em Psicologia na Unifor, onde coordenou o curso de Psicologia entre 2014 a 2016,



“É IMPRESCINDÍVEL A COMPREENSÃO DE QUE O MODELO DE ENSINO CONSERVADOR, CARACTERIZADO POR CONTEÚDOS FRAGMENTADOS E AULAS EXCLUSIVAMENTE EXPOSITIVAS, DEVE DAR LUGAR AO ENSINO PARTICIPATIVO.”

Beatriz Rosa, doutora em Direito Constitucional e gestora

concorda com ele. “Eu costumo dizer que o meu tempo é hoje. E esse tempo de hoje realmente requer outras formas de pensar, de agir, de estar no mundo. Nós olhamos para o presente e percebemos, cada vez mais, a complexidade dos fenômenos, das relações, de tudo o que é vivido. Isso exige que ultrapassemos as fronteiras dos saberes específicos adquiridos em nossas formações”.

Tendo se formado psicóloga há 25 anos, Marselle enfatiza que é preciso dialogar e aprender com outras áreas. Ela exemplifica citando o sofrimento psíquico, que advém tanto de questões pessoais quanto de fatores econômicos, políticos, sociais e, talvez, biológicos e orgânicos. É preciso enxergar o quadro sob uma perspectiva geral, mas sem perder a especificidade de cada área do saber. Diante disso, os dois verbos empregados por Marselle para vencer a estrada das incertezas são: integrar e contextualizar. A abertura e o respeito aos diversos campos do saber são instrumentos para fazer com que a vida seja melhor e o aprendizado, mais efetivo.

Aprendizado ao longo da vida

A dinâmica relacionada ao trabalho é fruto de uma mudança radical na própria constituição da sociedade. “A lógica das profissões é permeada pela cultura social disruptiva que estamos vendo hoje”, retoma o professor Henrique Sá, para quem o conceito que vem se desenhando com muita força nessas duas primeiras décadas do século XXI é o da chamada “aprendizagem ao longo da vida”, uma tradução literal do inglês Lifelong Learning. O termo é popular na academia desde 2009, quando a Unesco publicou o Global Report on Adult Learning and Education (GLARE), documento no qual descreve a importância da aprendizagem e capacitação profissional ao longo da vida.

Nesse conceito está expressa a ideia de que não existe mais uma formação linear. O que se discute, hoje, é uma sequência complexa e multidimensional de competências. Essa sequência vai configurar uma conformação de prática profissional, de acordo com interesses pessoais, as tecnologias disponíveis e, principalmente, com o contexto em que o profissional se insere naquele momento.

Por essa razão, capacitação e atualização docente são elementos fundamentais para o exercício do magistério na Unifor, tendo no horizonte as demandas de uma sociedade tecnológica e de informação. “Uma sociedade que requer a aprendizagem com significado e cujo enfoque deve ser o ensino participativo, no qual o aluno é posicionado no centro do processo”, detalha Beatriz Rosa.

“Temos aí vários componentes: temporal, contextual, subjetivo, técnico”, pondera o professor Henrique Sá, que é médico pediatra e foi coordenador de implantação do curso de Medicina da Unifor. “Como isso funciona na prática? Na época em que eu me formei, há quase 30 anos, a formação de um médico, um administrador, um jurista ou um professor era – e em parte ainda o é – uma formação linear. Você sabia exatamente qual era a sua trilha de formação, tinha disciplinas a cumprir e, depois disso, poderia seguir para um segundo estágio de formação, com uma especialização ou – no caso dos médicos – uma residência. Em geral, depois de quatro anos de graduação e dois anos de pós graduação, a pessoa estava formada. O que ela ainda podia fazer era a educação continuada, que consistia em aperfeiçoamento e atualização. As pessoas usavam, inclusive, o termo ‘reciclagem’ que a meu ver é errôneo, pois significa algo sem valor que se transforma em outra coisa”, explica.

O modelo linear de educação continuada assimilou novas práticas, abrindo-se outros formatos de desenvolvimento e multiplicando as trilhas – estas são muitas,

“EU COSTUMO DIZER QUE O MEU TEMPO É HOJE. E ESSE TEMPO DE HOJE REALMENTE REQUER OUTRAS FORMAS DE PENSAR, DE AGIR, DE ESTAR NO MUNDO”

Marselle Fernandes,
professora de Psicologia

assim como o são as carreiras, os contextos, as identidades e as tecnologias que vão conformar a prática do profissional.

“Um administrador, por exemplo, pode ter uma formação geral em Administração, com um desfecho que talvez se volte para as tecnologias – digamos que Administração com enfoque em *blockchain* – associado a uma formação em Finanças. Ele é um financista, um tecnólogo ou um administrador?”, indaga Henrique Sá. “Ele é tudo isso, tem várias competências, tem certificações e qualificações distintas”.

Em suma, a formação dos professores de qualquer profissão não se conclui, ela vai sempre sendo acoplada a novas tecnologias, habilidades e competências, a fim de responder às realidades particulares de cada tempo. Henrique Sá sublinha que o que existem são “tendências”, cujas leituras precisam estar sempre se renovando. Para os próximos anos, elas envolvem o uso intenso de tecnologia, a ciência de dados, as relações interpessoais e a análise de cenários. São sinais dos futuros que lemos no presente.

Saber usar os dados

Para o professor Henrique Sá nós não somos mais – como éramos antigamente, quando aprendíamos acumulando – um “contêiner de informações”. Antigamente o sábio era aquele que sabia muito. Hoje, ele é aquele que sabe usar as informações que estão aí disponíveis. Ou seja, ele sabe aprender como aplicar novas informações o tempo todo.

A palavra a ser usada é transdisciplinaridade. O profissional precisará se envolver com outras profissões. “E veja que não estamos mais falando em interdisciplinaridade, que é trabalhar com outras profissões, mas cada qual fazendo a sua parte. É mais que isso”, adverte Henrique Sá. “A prática transdisciplinar requer que eu aprenda habilidades que fazem parte de outras áreas. Por exemplo, o médico vai aprender a

APRENDER SEMPRE



No entender do professor Henrique Sá, há quatro sinais que uniformizam a leitura da realidade para todas as profissões:



Estar preparado para um cenário urbano de organização social ainda mais complexo que o que temos hoje, visto que o ecossistema de reorganização das cidades exigirá adaptabilidade em seus vários aspectos: mobilidade, sustentabilidade, qualidade de vida.



Ser um profissional “social”, com grande capacidade de integração. Todas as profissões precisam lidar com seres humanos. As habilidades interpessoais e sociais serão muito requisitadas.



Saber lidar com as distintas tecnologias, transitando com desenvoltura em ambientes plurais e diversos. Não nos referimos aqui apenas à informática, mas também às *softtech*, dentre as quais se inclui a comunicação.



Aprender sempre. Mais do adquirir conhecimento, o profissional vai acumular habilidades de aprendizagem. Ou seja, ele vai ter que ter a competência de aprender a aprender.

“EU DIRIA QUE OS NOSSOS CURRÍCULOS, HOJE, SÃO PROCESSOS DE CÓDIGO ABERTO – NÃO SÃO MAIS FECHADOS, SÃO DINÂMICOS”.

Henrique Sá, Vice-Reitor de Graduação da Universidade de Fortaleza

A BASE DA TRANSFORMAÇÃO

Na Universidade de Fortaleza, são ofertados aproximadamente 90 cursos de especialização/MBAs pelas Escolas de Direito, Tecnologia, Gestão, Saúde, Artes, além dos cursos de Educação Continuada.

O núcleo gestor trabalha continuamente no desenvolvimento dos cursos, leva em conta o projeto pedagógico, a matriz curricular, a formação de professores e os processos de avaliação. O objetivo é formar profissionais que possam atender às demandas do mercado e da sociedade no século XXI.

Um dos preceitos da Universidade de Fortaleza é manter uma estreita relação com o mercado, estimulando os alunos no desenvolvimento de projetos, produtos e ações de impacto com base nos objetivos de desenvolvimento sustentável da ONU. Como enfatiza a professora Beatriz Rosa, “a filosofia adotada é liderar para transformar”.

programar. Não é preciso que ele seja um cientista da computação, mas ele vai desenvolver habilidades na área. Da mesma forma que um programador, para trabalhar na área da Saúde, vai ter que compreender alguns processos da saúde e da doença”.


E como é que a Universidade de Fortaleza está se “vendo” diante disso? “É um desafio para todas as instituições. Algumas estão à frente. Nesse processo, nós estamos nos colocando em duas direções. Em primeiro lugar, abrindo as matrizes curriculares. Eu diria que os nossos currículos, hoje, são processos de código aberto – não são mais fechados, são dinâmicos”. O Vice-Reitor de Ensino de Graduação explica que a Universidade de Fortaleza não pensa mais em disciplinas estanques, e sim em unidades curriculares modulares que se integram e articulam entre si, transdisciplinarmente, em cursos e centros, criando trilhas, eixos, carreiras.

“São processos de formação abrangentes, em que um engenheiro pode se interessar por unidades curriculares da área de Finanças. Isso já está acontecendo. Cientistas de dados que estão trabalhando com gestão. Profissionais do Direito que estão trabalhando na área de Engenharia Ambiental. Não é que eles estejam fazendo dois cursos,

eles estão se aprofundando transdisciplinarmente em outras áreas”.

Além da mudança matricial, outro lado importante é o protagonismo do estudante na gestão dessa carreira. Ou seja, não se trata apenas de criar uma matriz aberta, flexível, dinâmica, eletiva. É preciso que o aluno compreenda como gerenciar esse processo. É o empoderamento e protagonismo do estudante na identificação dos seus futuros.

Marselle Fernandes considera que, mais do que nunca, essa pluralidade de conhecimentos e de modos de intervenção são necessárias para darmos conta da complexidade e da multiplicidade das existências. Olhar para o mundo, ver o que ele é hoje e ir fazendo os ajustes. “Creio que a Unifor tem sido muito sensível a tais questões e feito o melhor, proporcionando várias possibilidades de experiências, formações, cursos e palestras para que a gente possa desenvolver as habilidades necessárias”.

Compartilhando do mesmo ponto de vista, Henrique Sá comemora: “Penso que o ano de 2020 marca a inauguração de uma nova fase da Unifor, a Universidade dos futuros. Uma trilha de experiências vivas está sendo montada. Matrizes e atividades interdisciplinares e transdisciplinares se oferecem para facilitar os trajetos dos alunos”. 

ATUAR NO MUNDO COM NOVAS HABILIDADES



O que é dar aula para as pessoas dos dias de hoje? Como elas funcionam? O que se aproxima delas?

São perguntas feitas pela professora Marselle Fernandes. Num mundo real e virtual ao mesmo tempo, a sala de aula tem que estabelecer novos diálogos. “Eu fui formada para ser psicóloga, e não para ser docente, apesar de ter vivido na universidade experiências de monitoria e de projetos de extensão. Professores foram formados para serem médicos, psicólogos, nutricionistas, engenheiros. E quando escolhem a docência, é um outro caminho que se abre”.

O ofício de ser professor – ela enfatiza – requer habilidades diversas. Atualmente a Universidade de Fortaleza tem se preocupado em oferecer elementos importantes para seu quadro docente, alinhando metodologias, formas de avaliação, reflexões sobre o que é aprendizagem e os princípios dessa aprendizagem. São estratégias para envolver alunos que olham o mundo com celeridade. Um mundo que é múltiplo, “que não cabe em caixinhas como antes”, diz Marcelle. O trânsito por vários pontos de inflexão faz parte do processo natural de “estamos sempre em crescimento, em desenvolvimento, em formação”, finaliza. **U**

EDUCAÇÃO SUPERIOR



VIAJANDO NA ILUSÃO DO TEMPO

“Estamos aqui para povoar o futuro. Apoderar-nos dele. Aliás, a distinção entre passado, presente e futuro, segundo Einstein, é apenas uma ilusão: portanto, estamos livres para viajar na ‘ilusão do tempo’ e nos anteciparmos às coisas antes delas acontecerem”. É o que diz a economista Lília Porto no site O Futuro das Coisas (<https://ofuturodascoisas.com/>), empresa da qual ela é fundadora.

Para a Universidade de Fortaleza, Lília desenvolve trabalho cujo objetivo é posicionar a instituição como referência em educação para o futuro das profissões, enriquecendo as habilidades do aluno do século XXI e preparando-o para os novos ambientes de aprendizagem e trabalho – dessa forma, instrumentalizando a academia com curadoria de conteúdo de aprendizagem viva.

“É necessário acompanhar as discussões construtivas para compreender quais as vantagens competitivas e sustentáveis para as profissões e quais as necessidades reais do novo mercado”, avalia a consultora. Para ela, os professores têm um papel fundamental nesse ambiente de aceleração evolutiva do conhecimento, e enfrentam diversos desafios. “É uma das profissões mais importantes e impactantes para o futuro. Infelizmente,

**“É NECESSÁRIO
ACOMPANHAR
AS DISCUSSÕES
CONSTRUTIVAS PARA
COMPREENDER
QUAIS AS VANTAGENS
COMPETITIVAS E
SUSTENTÁVEIS PARA AS
PROFISSÕES E QUAIS AS
NECESSIDADES REAIS
DO NOVO MERCADO”**

Lília Porto
O futuro das coisas

as escolas não estão preparadas para o amanhã”.

Até agora, o sistema de ensino tem sistematizado o conhecimento do passado, empacotando-o estruturalmente e oferecendo-o aos alunos para que alcancem um desempenho no hoje, no presente. “Ou seja, essa experiência de aprendizagem deveria ter uma continuidade para o futuro, mas não tem. Os professores carregam a missão de inspirar o aluno para que continue aprendendo durante toda a sua vida, concluindo a graduação com a cabeça de aprendiz”. E repete: “O futuro não é pra quem tem conhecimento, é pra quem tem capacidade de aprender”. **U**



Alunos da Pós-Unifor são motivados a produzir projetos que impactam na sociedade

LÍDERES QUE TRANSFORMAM E A ONU DISSE SIM!

A ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU) FICOU BOQUIABERTA. QUIS SABER MAIS. INVESTIGOU AMIÚDE. VIROU, MEXEU, ESCARAFUNCHOU. PROCUROU NAQUELA TORRENTE DE IDEIAS TORNADAS AÇÕES A MATERIALIZAÇÃO DE CADA UM DOS SEUS 17 OBJETIVOS DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL (ODS). ENCONTROU. LAMBEU O SELO DE QUALIDADE. E BATEU O MARTELO: A PÓS-GRADUAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE FORTALEZA E SEU “ETHOS” TENAZMENTE CONSTRUÍDO PARA FORMAR LÍDERES QUE TRANSFORMAM PODEM E DEVEM SER CHANCELADOS COMO UMA DAS EXPERIÊNCIAS EDUCACIONAIS REFERENCIAIS NO MUNDO. E ASSIM FOI FEITO.

TEXTO / ETHEL DE PAULA

FOTOS / ARES SOARES

Trata-se, segundo consta na própria plataforma da ONU, de mais um “case” de sucesso global quando o verbete em análise é educação de excelência. Tamanho reconhecimento arrepiava a pele e excitava os ânimos de quem construiu coletivamente esse resultado, sabendo que ele não viria da noite para o dia e nem sem o esforço intelectual e a dedicação integral demandada por tamanha ousadia. Convidada a tornar o que já era bom, mas padrão, em algo bem mais arrojado e antenado com o século XXI, a Vice-Reitora de Pós-Graduação, Lília Sales, lembra quando, em 2012, assumiu o cargo e o desafio de reinventar uma prática de formação cristalizada e um modo de gestão clássico: “a primeira pergunta que me fiz foi por que oferecer aqueles cursos de especialização, mestrado e doutorado e que diferença – ou transformação – eles deveriam fazer na vida das pessoas”.

Com um ponto de interrogação na cabeça e muita disposição para ver, ouvir e dialogar, Lília viajou o Brasil e o mundo colhendo ideias. Harvard Business School, Clinton Foundation, Massachusetts Institute of Technology (MIT), Columbia University, Insper, Fundação Getúlio Vargas (FGV). “Comecei a perceber que palavras se repetiam: ação, liderança, transformação, pensar global e agir local... essas palavras tinham que significar algo... Qual o perfil do egresso que a gente quer ou que o mercado e a sociedade querem? O que eu preciso oferecer a esses alunos para que realmente uma pós possa impactar a vida dele e a de outras pessoas? Sim, um ensino técnico de excelência. Mas o que mais? Aí a gente foi desenhando: a sociedade e o mercado precisam de pessoas que escutem melhor, que sejam criativas, que trabalhem em equipe, que liderem e que essa liderança seja a mais acolhedora possível e horizontalizada, além, é claro, de estarem muito bem

NO LÍDERES QUE TRANSFORMAM, O ALUNO USA O CONHECIMENTO ADQUIRIDO PARA IMPACTAR A REALIDADE DAS PESSOAS, EMPRESAS E INSTITUIÇÕES. TUDO ISSO NORTEADO PELA FILOSOFIA DE PENSAR GLOBAL E AGIR LOCAL.

qualificadas em suas áreas específicas”, esmiúça. Saber abraçado ao fazer junto. “A maioria dos nossos alunos já está no mercado ou buscando novas colocações no emprego. Então, estimulamos as metodologias ativas e passamos a usar o conhecimento adquirido para observar problemas reais, sejam eles trazidos das empresas, dos espaços de moradia, de dentro de uma escola ou de uma instituição social. A ordem era interferir nessa realidade a partir do *networking* que o aluno formou e assim as soluções surgiram de forma compartilhada. Tudo isso norteado por uma inclinação mundial: pensar global, agir local, sendo que o agir local pode ser escalável e resolver também um problema global. Por isso é tão importante a troca de experiências”, explica a vice-reitora.

Desde o início, a ONU e seus objetivos de desenvolvimento sustentável também compuseram o horizonte de desafios. “Por exemplo: se vou resolver um problema dentro de uma empresa quais os ODS (Objetivos de Desenvolvimento Sustentável) que posso e devo contemplar, direta ou indiretamente? Prosperidade econômica? Igualdade de gênero? Diminuição da pobreza? Utilização responsável da água? Direitos humanos? Paz? Fortalecimento e união das instituições? De alguma maneira, nosso aluno tinha que tomar conhecimento dessa preocupação mundial e entender que ele fazia parte disso, desse pacto pela vida, onde um gesto mínimo pode fazer a diferença e reverberar longe. Foi assim que o Líderes que Transformam se construiu processualmente como uma filosofia cultivada por pessoas inovadoras e criativas cujo conhecimento técnico impacta positivamente a sociedade”, recorda Lília.

A pós-graduação, portanto, tornou-se o laboratório da utopia possível. E a realidade pediu para entrar, inspirando o desenvolvimento colaborativo de projetos, produtos e ações. Assim, 20

alunos se juntaram aos moradores do bairro Bom Jardim para aplicar lá um fundo de investimento de impacto social em pequenos negócios; outros se articularam para abastecer com criatividade a loja Estrelário, um dos braços a dar sustentação à ONG Edisca; houve quem conseguisse desenvolver uma versão bem mais em conta de uma pomada cicatrizante antes inacessível a uma maioria; teve também o grupo que criou sutiãs especiais para mulheres mastectomizadas; no Lar Torres de Melo, a inclusão digital e a realidade aumentada chegaram juntas para fazer parte do dia a dia do idoso; e também já é possível, tudo graças aos Líderes que Transformam, que cegos assistam a jogos em área reservada na Arena Castelão com direito à audiodescrição.

Há ainda exemplos de mercado que Lília Sales considera referenciais, como o do aluno José Romero, do MBA em Gerenciamento de Projetos, que participou do primeiro projeto real desenvolvido pelo curso. O Projeto SEP (Sistema de Estrutura Pronta), baseado em tecnologia exclusivamente desenvolvida pela CooperconCE, reduziu custos de construções e imprimiu inovações para aquele modelo de negócio. Contando com a participação efetiva de alunos da 12ª e 13ª turmas do MBA, o projeto foi tão bem avaliado pelos cooperados que o engenheiro civil José Romero acabou contratado pela cooperativa, tendo desde então participado de diferentes obras de estruturas de edifícios residenciais com a tecnologia SEP.

Há muito mais no currículo da pós-graduação. Do mais simples ao mais complexo projeto ou produto tornado palpável. Segundo Lília, até lei já foi criada graças à expertise desenvolvida na área do Direito, levando alunos interessados em acelerar processos administrativos voltados à resolução de conflitos a criar um aplicativo capaz de conectar juízes de todo o Ceará. “O projeto ou



“A SOCIEDADE E O MERCADO PRECISAM DE PESSOAS QUE ESCUTEM MELHOR, QUE SEJAM CRIATIVAS, QUE TRABALHEM EM EQUIPE, QUE LIDEREM E QUE ESSA LIDERANÇA SEJA A MAIS ACOLHEDORA POSSÍVEL E HORIZONTALIZADA, ALÉM, É CLARO, DE ESTAREM MUITO BEM QUALIFICADAS EM SUAS ÁREAS ESPECÍFICAS”

Lília Sales,
Vice-Reitora de Pós-Graduação

produto final que está conectado direta ou indiretamente com os ODS me parece ser o coração da pós-graduação, porque é quando eles partilham com a sociedade toda o aprendizado transversal, plural e de excelência que adquirem aqui, modificando vidas. Esse é o líder que transforma: uma liderança que vai transformando realidades, mas agregadora, de coletividade e não individualizada”, reitera.

E se o profissional do futuro já está presente na pós-graduação da Universidade de Fortaleza isso também se deve a muita quebra de paradigma e revisão crítica interna. “A equipe dizia: isso é muito utópico. As pessoas querem um diploma e um emprego. Verdade. Pois vamos nos aproximar das empresas e melhorar o mundo juntos, abrindo a cabeça dos empresários. O diploma é importante, mas não é para colocar na parede, simplesmente. Então, houve mudanças curriculares, novas disciplinas montadas, contratamos professores com perfis diferenciados, pessoas que realizam, que concretizam projetos e produtos, que inovam... Um trabalho de formiguinha e de mudança de pensamento mesmo, que passa pelo treinamento contínuo dos professores”, sublinha.

Para sair da zona de conforto, houve resistência sim. Tanto em docentes quanto entre os discentes. “A tendência é o aluno chegar para fazer as disciplinas e logo querer ir embora, porque é muito mais fácil. Mas o desafio maior me parece ser mostrar para as pessoas que elas podem sair do trivial e fazer a diferença sim! Então, isso aqui é um mantra... você tem que repetir diariamente e dar todo o suporte para uma contínua implementação. Potencialidades temos de sobra. É preciso portanto injetar ânimo, fazê-los acreditar em si e dar as condições para que identifiquem problemas reais e possam buscar soluções coletivamente, já que a pós-graduação é feita de

A PÓS-UNIFOR EM NÚMEROS

1. Hoje, são cerca de 5 mil alunos matriculados na pós-graduação. Chegam a ter 120 turmas lato sensu ativos, incluindo os MBAs.
2. São cinco mestrados profissionais, seis mestrados acadêmicos e cinco doutorados acadêmicos stricto sensu, além de quatro mestrados e doutorados interinstitucionais (minters e dinters).
3. Anualmente, são lançados de 70 a 80 turmas de especialização, sem contar as de educação continuada. O quadro docente da pós-graduação se fortalece com a visita de professores do Brasil e do mundo que, anualmente, deixam suas contribuições em sala de aula, agregando qualidade ao ensino, pesquisa e extensão na Unifor, além de gerar networking, reverberando a filosofia Líderes que Transformam Brasil a fora.
4. Há ainda as missões nacionais e internacionais, que são viagens para visitar empresas e conhecer experiências *in loco*.

CAPA

5000

É o número de alunos matriculados nos diversos cursos da Pós-Graduação da Universidade de Fortaleza

“A PARTIR DA ARTE, NOVAS CONEXÕES NEURONAIS SÃO FEITAS E AS PESSOAS PASSAM A DESENVOLVER UM PENSAMENTO MAIS FLEXÍVEL, MAIS LIVRE, PARA ALÉM DO RACIONAL E LINEAR”

Líliá Sales,
Vice-Reitora de Pós-Graduação



disciplinas transversais interligando diferentes áreas de conhecimento. Tanto que o projeto ou produto final pode ser desenvolvido em equipe ou até em mutirão, dependendo da demanda e do desafio trazido”, observa.

Vozes ativas

O próximo passo para aperfeiçoar o Líderes que Transformam nasce de uma demanda trazida pelos discentes: como se tornar criativo? Subjetiva e complexa, a questão vai ganhando centralidade para a concepção do projeto Ciência e Arte na pós-graduação. “Fui pesquisar de novo e ratifiquei: arte gera criatividade que gera inovação. O mundo todo também já investe nisso. Então, precisamos estimular nossos alunos a vivenciar a arte nas suas mais diversas expressões. Através da arte, novas conexões neuronais são feitas e as pessoas passam a desenvolver um pensamento

mais flexível, mais livre, para além do racional e linear. Estamos começando esse investimento, trazendo cientistas e artistas para a sala de aula e tendo a arte como ferramenta para acessar a imaginação, capital simbólico dos mais valiosos no século XXI, já que é preciso inovar continuamente para transformar a sociedade”, destaca.

Frente aos desafios que ainda virão, o projeto Líderes que Transformam sabe que não está sozinho. Mas se gozar das loas e do reconhecimento oficial da ONU fortalece a reputação da Universidade de Fortaleza como uma instituição de visibilidade internacional apta a conectar o local e o global, mirando valores éticos comuns aos que teimam em melhorar o mundo, há de se admitir que internamente a responsabilidade aumenta. “Sabemos que é uma construção lenta e gradual. Mas nos fortalecemos quando buscamos e conquistamos cada vez mais parcerias como a da ONU ou a da Fundação Clinton, onde, ano passado, conseguimos submeter 27 trabalhos e aprovar 17. Fomos uma das instituições com o maior número de apresentações. Ou seja, a gente só cresce e é uma alegria ver hoje os alunos tão motivados, saindo de um estado de resistência às mudanças para um estado de graça, de glória deles mesmos”, comemora Lília Sales.

Olhos nos olhos do século XXI

O dever de casa foi feito antecipadamente. Quando, há dois anos, a Capes anunciou a inclusão do impacto social e da interação regional entre os critérios de avaliação das pós-graduações em todo o Brasil, a Universidade de Fortaleza já experimentava, na prática, o *modus operandi* do Líderes que Transformam, onde a ordem era, tanto nos mestrados e doutorados stricto sensu, como nas especializações e MBAs *lato sensu*, atentar para o desenvolvimento de projetos e produtos que impactassem positivamente a vida de pessoas e o funcionamento

“SAIR DA ZONA DE CONFORTO NÃO É FÁCIL, MAS FAZ PARTE DE QUALQUER AMADURECIMENTO PROFISSIONAL. E NÓS, PROFESSORES, PRECISAMOS ABANDONAR O PILOTO AUTOMÁTICO”

Beatriz Rosa, Chefe da Divisão da Pós-Graduação Lato Sensu

das instituições, buscando soluções para problemas globais a partir da transformação de realidades locais.

Como chefe de Divisão da Pós-Graduação Stricto Sensu, a professora Teresa Gláucia Rocha Matos abraçou o desafio de fazer acontecer a virada pedagógica e operacional em cinco doutorados, seis cursos de mestrado acadêmico e cinco de mestrados profissionais, além dos quatro mestrados e doutorados interinstitucionais que levam a Universidade de Fortaleza, através de convênios, a formar mestres e doutores em instituições receptoras distantes dos grandes centros de ensino e pesquisa. É sob sua égide, portanto, que 90% da produção científica da Universidade de Fortaleza se desenvolve, para despontar ano após ano nos rankings universitários de avaliação nacional.

“Os mestrados profissionais já nasceram dentro da filosofia dos Líderes que Transformam e atentos aos três pilares de sustentação, que são desenvolver habilidades do século XXI, qualificação técnica de excelência e transferência do conhecimento por

meio de projetos e produtos que impactem na sociedade. Mas os mestrados e doutorados acadêmicos, com suas dissertações e teses, passaram a ser mais cobrados e alinhados para que as pesquisas não perdessem de vista a necessária aplicabilidade social, quesito mais recentemente considerado e cobrado pela própria Capes”, sublinha.

A rigor, é a Capes quem anuncia: em 2021, um novo modelo de avaliação das pós-graduações deve ser implementado, onde indicadores já previstos na filosofia do Líderes que Transformam prometem uma reviravolta quanto aos conceitos dos cursos Brasil a fora. “Vamos seguir avançando, portanto, em nossas metodologias, que já levam, por exemplo, todos os discentes a cursarem disciplinas transversais buscando conhecimento em relação à gestão de projetos, liderança, gestão de inovação, à negociação, processos criativos... São habilidades que precisam desenvolver para serem líderes que transformam no século XXI, atentando também para a capacidade de comunicação, criação, resolução de problemas, trabalho em equipe... São expertises que já impulsionam os mestrados profissionais, até porque a maioria ali está no mercado de trabalho e naturalmente chega com demandas e problemas reais e prementes, mas que também já estão presentes nos mestrados e doutorados acadêmicos, a partir de uma interface cada vez maior entre ciência e arte”, anuncia.

E xeque-mate. Na Pós-Unifor, o pensar e o agir vêm dando as cartas juntos. Assim, não faltam experiências-modelos de encher os olhos, como as plataformas digitais voltadas à prevenção da segurança e já aplicadas em bairros como Jangurussu e Conjunto Palmeiras; o software com base em algoritmos que corrige deficiências na elucidação de crimes ou na resolução de conflitos; os sistemas na área de informática desenvolvidos para tratamento de crianças com algum tipo



“OS TRÊS PILARES DO LÍDERES QUE TRANSFORMAM SÃO: DESENVOLVER HABILIDADES, QUALIFICAÇÃO DE EXCELÊNCIA E TRANSFERÊNCIA DE CONHECIMENTO QUE IMPACTE A SOCIEDADE”.

Teresa Glauca,
Chefe da Divisão da
Pós-Graduação Stricto Sensu

de comprometimento psicomotor ou acometidas de autismo; as soluções encontradas para o aproveitamento e reuso da água, tanto em usinas de concreto quanto no ambiente doméstico; o uso da energia solar que parte de uma arquitetura sustentável; a proposta de reativação do Centro da cidade em horário noturno; o uso inteligente da internet para alavancar negócios entre micro empreendedores; a estratégia pensada para a inclusão social e o empoderamento feminino dentro de empresas e organizações.

“São muitas as iniciativas que vêm demonstrando que a qualificação técnica de excelência pode e deve servir para aumentar a capacidade de resolução de problemas. Vem sendo assim no mundo todo e por isso também levamos nossos alunos para as missões nacionais e internacionais, a fim de que vivenciem, *in loco*, noutros estados e países, o quanto os Objetivos de Desenvolvimento Social da ONU estão pautando as ações individuais e coletivas no mundo todo. São experiências com foco na inovação, buscando tendências e ideias que possam ser aplicadas. É preciso, claro, estarmos atentos à vocação de cada pessoa e de

cada área de conhecimento na resolução dos problemas e na busca por atender aos ODS, mas sempre conectados fortemente à realidade onde estamos inseridas”, conclui.

Reinventar para reencantar-se

Razão e sensibilidade. A mudança de percepção e atitude que há sete anos contagia docentes e discentes da pós-graduação da Universidade de Fortaleza exigiu deles abertura para autocrítica. “Sair da zona de conforto não é fácil, mas faz parte de qualquer amadurecimento profissional. E nós, professores, precisamos abandonar o piloto automático. Foi o que aconteceu. Estávamos habituados com outras práticas, aprendemos um determinado modelo e, essa movimentação, embora seja muito positiva, foi desafiadora, não só em se tratando dos aspectos didáticos, mas porque passamos a compreender aspectos mais refinados de gestão e voltamos a atentar para a criatividade, o que faz todo o sentido, mas era algo que estava adormecido e demora a ser reintrojectado”, admite a chefe de Divisão da Pós-Graduação Lato Sensu e Educação Continuada, professora Beatriz Rosa.

Ela também destaca o fato de que, quando a ONU quis saber sobre o investimento feito para imprimir tanta transformação na pós-graduação da Unifor, acabou surpreendida positivamente com a resposta: “Não houve nenhum gasto a mais. O que aconteceu foi uma reorganização financeira. Foi toda uma pós-graduação com outros propósitos que se consolidou e isso, em si, já me parece uma grande inovação, servindo inclusive de inspiração para outras instituições, que percebem que não precisam gastar mais, mas gastar melhor”.

Para Beatriz, o projeto Líderes que Transforma também ensina que aprender e compartilhar conhecimentos e experiências são verbos para se conjugar no infinitivo. “Ainda temos muito a caminhar e precisamos demonstrar a magnitude desse projeto que é inédito. Não existe uma pós-graduação nesse formato no Brasil. As demais são pulverizadas, não têm uma diretriz ou uma orientação pedagógica e nem essa inovação curricular comum à Pós-Unifor como um todo, independente da área de conhecimento. Tem uma dose alta de ousadia aí!”, vibra. **U**

CONGRATULATIONS, MR. MOUZINHO

O ex-presidente americano Bill Clinton apertou-lhe a mão. Não à toa. A escala da intelectual e profissional do hoje especialista em gerenciamento de projetos João Mouzinho é exemplar e está entre as palestras mais repetidas e respeitadas do programa Líderes que Transformam, do Programa de Pós-Graduação da Universidade de Fortaleza. Ele que entrou no campus desempregado para sair de lá promovido no recém-conquistado emprego graças a um projeto chancelado pela Fundação Clinton como referência para o mundo.

Foi pensando na inclusão digital para idosos do Lar Torres de Melo, em Fortaleza, que o moço de classe média beneficiado com o Fundo de Financiamento Estudantil (FIES), durante a graduação em engenharia cursada na própria Unifor, voou mais longe do que jamais havia sonhado. “Em janeiro de 2018, decidi fazer o MBA em gerenciamento de projetos, justamente porque estava desempregado, mas via na educação e na Pós-Unifor a oportunidade para sair daquela situação. Estava certo. Eu era um aluno da tecnologia que de repente me vi ali assessorado por professores com mestrado e doutorado nas mais diversas áreas de conhecimento. Eu conversando e me relacionando com todos eles, do Direito, da Saúde, da área administrativa. É um traço da Unifor, essa disponibilidade para

ajudar o aluno a crescer profissionalmente através de um conhecimento transversal. E foi por conta dessa interação e desse time de professores implicados com os



propósitos dos alunos que desenvolvi um projeto que mudou a minha vida e a de muitas pessoas”, rememora.


Para o Lar Torres de Melo, sala de informática e realidade virtual, com direito a óculos especialmente desenvolvidos para fazer os idosos viajarem sem sair do lugar por várias partes do mundo. Para Mouzinho, almoço com executivos de um dos maiores bancos privados do país, em São Paulo, todos interessados em saber que projeto era aquele que um recém-contratado funcionário de uma agência em Fortaleza, no Ceará, havia posto em prática com tanta repercussão e aval da Fundação Clinton. “Em função de toda a visibilidade que a Unifor trouxe para mim à época, através de publicações, meu projeto chegou à Diretoria do RH do banco e, ao ser convidado a apresentar para o alto escalão, acabei voltando promovido. Hoje as pessoas que trabalham comigo na agência já estão cursando inglês e alguns até cursam pós-graduação na Unifor. Tudo em virtude do que aconteceu comigo. Então, tenho um grande prazer de ser um aluno da Pós-Unifor que entrou desempregado e desenvolveu um projeto que só tem desdobramentos que impactam positivamente na vida de outras pessoas, sobretudo daqueles que mais precisam de qualidade de vida”, comemora. **U**

O programa contribuiu para mudar a vida de João Mouzinho e de várias outras pessoas



“O mestrado em Ciências Médicas já nasceu com o propósito de que nossos alunos desenvolvam competências de lideranças, tomada de decisões, criatividade e inovação”.

DESENVOLVER HABILIDADES

“Eu trabalhava na Divisão de Pós-Graduação *Scripto Sensu* da então Vice-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação quando a professora Lília Sales começou a desenhar o projeto Líderes que Transformam. Era muito empolgante conversar com ela após os eventos, que cada vez mais tinha a convicção de que os alunos da pós-graduação deveriam desenvolver habilidades e projetos de impacto aliados aos objetivos de desenvolvimento sustentável da ONU. O mestrado em Ciências Médicas já nasceu com o propósito de que nossos alunos desenvolvam competências de lideranças, tomada de decisões, criatividade e inovação, portanto, quando o projeto Líderes que Transformam foi lançado já estávamos alinhados a sua filosofia. E é muito gratificante, hoje, acompanhar o desenvolvimento pessoal e profissional dos alunos e de projetos de pesquisa que podem transformar positivamente a sociedade”. 

—
**Adriana Rolim, coordenadora
do Mestrado em Ciências Médicas.**




É PRECISO SABER CRIAR

“O Curso de Especialização em Escrita e Criação, como o próprio nome diz, amplia a experiência da escrita para além do ato de escrever. A escrita como criação é uma ferramenta para pensar e fazer conexões com o mundo de uma nova maneira, inventar outros mundos possíveis. Acho que muitos devem chegar à pós-graduação procurando dar outro sentido às suas vidas ou tentando se reinventar enquanto profissional. Pois a arte pode sim contribuir com essa virada. E se a vida inteira é permeada por narrativas, por que não mergulhar nelas para soltar a imaginação? Não é à toa, portanto, que dentro de uma mesma sala de aula eu tenho alunos médicos, administradores, arquitetos, advogados, engenheiros, psicólogos. As narrativas perpassam nossas vidas pessoais e também conduzem nossas vidas profissionais. E é através delas que eu busco acessar a sensibilidade dos alunos, entendendo que a filosofia Líderes que Transformam também é feita de uma partilha do sensível. Quando não se está buscando apenas uma formação técnica de excelência, mas também uma implicação com os problemas existentes no mundo e com a transformação da realidade, é preciso saber criar, ser inventivo, para vislumbrar alternativas e soluções. O meu desafio então é ampliar a visão de mundo das pessoas a partir de suas próprias experiências vividas. Que cada um escreva a história que só ele pode contar. E descubra o que tem a dizer para o mundo. Um dos exercícios propostos em sala de aula que faz mais sucesso é a biografia inventada: proponho que olhem para o colega ao lado e inventem uma história de vida para ele. Esse olhar para o outro é essencial quando nos propomos a transformar o *socius*”. **U**

Socorro Acioli, coordenadora do curso de Especialização em Escrita e Criação.



REPENSANDO A EDUCAÇÃO

“O projeto Líderes que Transformam é algo maior do que apenas um projeto. É um conjunto de iniciativas que nos obriga a repensar o sentido mesmo da educação, da formação, do papel do professor, do lugar da universidade na vida social. E ele faz com que a gente acredite mais na capacidade do ensino como um instrumento de transformação social. Temos a possibilidade de ajudar as pessoas a repensar a sua vida pessoal e profissional. Tenho como formação original o curso de Direito, uma formação bem tradicional, com aulas expositivas, professores tradicionalistas na abordagem em sala de aula. A experiência no projeto Líderes que Transformam nos faz repensar a docência e o próprio conceito de sala de aula. Não é mais o professor fala e o aluno escuta, passivamente. O desejo de criar algo novo nos levou a pensar novas estratégias para que o aluno participe e construa o conhecimento junto com o professor, a fim de que haja uma troca de experiências e ele se sinta motivado, inserido naquele processo, além de estimulado a sempre continuar estudando, procurando novas fontes, ciente do potencial inovador do conhecimento. Isso não acontece sem a adesão direta e irrestrita do professores. Muitas vezes os alunos também têm dificuldades para entender a proposta. Normal. Eles também vêm de um modelo mais tradicional de ensino-aprendizagem. Mas tudo isso desaparece logo nos primeiros contatos com as novas disciplinas. Com os modelos de interação em sala de aula surgem o engajamento, a motivação e são os alunos que acabam fazendo propaganda dos cursos. E muitos, quando terminam o curso, permanecem engajados em alguma atividade ou já se planejam para voltar a estudar. Então, é muito bonito de se ver e recompensador”. 

Gustavo Feitosa, coordenador do mestrado profissional em Direito e Gestão de Conflitos e professor do mestrado e doutorado em Direito Constitucional.

MESTRADO E DOUTORADO EM DIREITO TRANSFORMANDO AQUI E LÁ

A nota máxima credencia a exportação do *know how*. Avaliado pela Capes com conceito 6 diante de seu alto padrão de desempenho, o Programa de Pós-Graduação em Direito Constitucional da Universidade de Fortaleza avança em mais um quesito referencial de qualidade, aquele que diz sobre a necessidade de regionalização e inserção social: em 2020, o PPGD forma suas primeiras turmas de mestrado e doutorado interinstitucionais, em parceria com o Centro Universitário de Ensino Superior do Amazonas (CIESA), que foi a instituição de ensino e pesquisa receptora.

Desde 2017, a pós-graduação da Universidade de Fortaleza implementou os mestrados (MINTER) e doutorados (DINTER) interinstitucionais, protagonizando a formação de mestres e doutores em instituições distantes dos grandes centros de ensino e pesquisa, de modo a diminuir as assimetrias hoje existentes e visando responder às demandas relacionadas ao desenvolvimento local e regional. “A Unifor identificou a carência para a formação de professores-doutores nas universidades da Região Norte e buscou essa parceria com o CIESA, abrindo 25 vagas para doutorado e 20 para mestrado. A experiência tem sido das mais exitosas, tanto que, antes mesmo do prazo oficial estipulado para conclusão do doutorado, em 2020, já temos em 2019 a defesa de três doutorados da região. Quando falamos em MINTER e DINTER, no âmbito da Capes, estamos demonstrando competência no que se refere a impacto regional, até porque atingimos também



Nota 6 da Capes, o programa de Mestrado e Doutorado em Direito da Unifor conta com renomados professores

outros estados próximos ao Amazonas”, comemora a coordenadora da Pós-Graduação em Direito Constitucional (PPGD) da Universidade de Fortaleza, Gina Pompeu.

Com o aval da Capes, que disponibiliza recursos de custeio e bolsas, a coordenadora do PPGD enfatiza o quanto essa qualificação profissional ancorada em atividades de ensino e pesquisa não só se alinha à filosofia do Líderes que Transformam, como tece, paralelamente, toda uma rede de fraternidade e parcerias que também vêm afirmar o lema da Unifor: ensinando e aprendendo. “Os relatos dos professores que foram dar aulas em Manaus falam de mútuo aprendizado, de melhor compreensão crítica daquele contexto tão peculiar e da sua própria maneira de encarar a justiça, enquanto que os trabalhos científicos dão visibilidade àquelas demandas que estão albergadas no federalismo brasileiro, mas que diferem das nossas”, avalia.

E já é possível antecipar: em 2020, a meta relacionada ao impacto promete avançar em direção à internacionalização, por meio da dupla titulação e da co-tutela com universidades estrangeiras. “Já contamos com excelentes parcerias com universidades portuguesas, espanholas, francesas e também com as americanas Harvard e Columbia. Esse impacto não negligencia a esfera local, porque também temos parcerias com as universidades de Sobral, Quixadá, Limoeiro do Norte, região do Jaguaribe e Cariri. Isso e mais os estados parceiros na região Nordeste: Piauí, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Paraíba. Mas precisamos criar conexões mais sistemáticas. Isso começa a se materializar a partir de janeiro, por meio de um seminário internacional realizado junto à Universidade do Minho, Universidade de Lisboa e Parlamento Europeu de Direitos Humanos, em Estrasburgo, na França. Abrimos 20 vagas dessa vez, para levar alunos do mestrado e doutorado. E que não seja uma ação pontual, mas volte a se repetir dentro do cronograma das próprias atividades do PPGD”, defende a coordenadora. **U**

“A PARTIR DE JANEIRO DE 2020, VAMOS CRIAR CONEXÕES INTERNACIONAIS MAIS SISTEMÁTICAS COM INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR DA EUROPA, PRINCIPALMENTE PORTUGAL E FRANÇA”.

Gina Pompeu, Coordenadora da Pós-Graduação em Direito Constitucional

IMPACTO POSITIVO

“Sou natural de Limoeiro do Norte, me formei aqui na Unifor em 2005.2, fui pesquisador voluntário e monitor com bolsa. Em 2006, fui morar em Manaus porque fui nomeado para o cargo de advogado da União. E lá estou há 13 anos. Era uma meta para mim voltar à Unifor para fazer meu doutorado, até porque o programa tem a linha de pesquisa do meu interesse, que é Direitos Culturais, e os maiores especialistas. Mas a logística seria complicada, assim como conciliar trabalho e estudo, se não tivesse havido a oportunidade do DINTER em Manaus. Acabei de concluir meu doutorado em Direito Constitucional, nessa parceria do CIESA com a Unifor, e muito me alegro a possibilidade de continuar integrando, mesmo que agora a distância, o grupo de estudos e pesquisas em Direitos Culturais da Unifor, coordenado pelo meu orientador, professor Humberto Cunha. Minha tese versou sobre a participação da comunidade na escolha dos bens culturais, discutindo federalismo e patrimônio cultural. Em Manaus, leciono em duas universidades, além de atuar como advogado da União, e estou certo de que essa formação vai impactar positivamente em ambas as frentes. Minha meta agora é cursar no PPGD o pós-doutorado, desdobrando a pesquisa ora concluída em torno do patrimônio cultural material e imaterial em Manaus e na região amazônica. Quero investigar como funciona a proteção do patrimônio cultural comum na região amazônica”. **U**

—
Allan Magalhães, professor, advogado da União em Manaus e recém-doutor em Direito Constitucional pelo PPGD-Unifor em parceria com o Centro Universitário de Ensino Superior do Amazonas (CIESA).

VIAJAR É PRECISO. VIVER TAMBÉM!

METAFORICAMENTE, UMA VIAGEM DIZ SOBRE A IMENSA AMPLITUDE DOS TERRITÓRIOS QUE CONQUISTAMOS E AINDA PODEMOS CONQUISTAR. TAMBÉM EVOCA MOVIMENTO, A SAÍDA PARA FORA DE SI E DAQUILO QUE É PREVISÍVEL, O CONTRÁRIO DO QUE ESTÁ ENCESSADO E ENRIJECIDO OU APARENTEMENTE PRONTO E ACABADO. VIAJAR PODE SER, ASSIM, UMA FORMA DE CONHECER-SE E EXPANDIR A PRÓPRIA VISÃO DE MUNDO, INDO E VENDO ALÉM.

TEXTO / ETHEL DE PAULA FOTOS / ARES SOARES





Não à toa, portanto, o Centro de Comunicação e Gestão (CCG) da Universidade de Fortaleza vem investindo nas missões nacionais e agora internacionais quando a ordem é preparar alunos e professores para os desafios que vão além das soluções técnicas ou tecnológicas demandadas pelo mercado de trabalho em meio ao turbinado campo de mutações da contemporaneidade.

Viajar como uma aposta extra-curricular para “sair da zona de conforto”, “diversificar repertórios”, “criar networking”, “ampliar competências emocionais e relacionais”. Há 15 anos, o projeto Pau de Arara saiu na frente, captando em imagens a lírica nordestina sob o escopo do Curso de Jornalismo e Publicidade e Propaganda, dentro da disciplina de Fotografia, ministrada pelo professor Jari Vieira. Foi o abrelatas para outros planos de voo dentro do CCG, planejados e executados em diferentes cursos da área de gestão e já decididos a voar mais longe. Assim, o atlas que começou a ser desenhado com viagens sistemáticas ao Nordeste brasileiro passou a levar profissionais do futuro para visitas junto a empresas referenciais no país quando o assunto é empreendedorismo e inovação.

Foi de imersão, portanto, que se implementou, na sequência, o projeto Bagagem, nascido em 2017 e capitaneado pelo professores Josimar Costa e Paulo Pinho que, semestralmente, selecionam alunos do curso de Administração para conhecer de perto o funcionamento de empresas brasileiras de grande porte, a maioria sediada em São Paulo. Natura, Embraer, Ernest & Young, Novartis, Rede Globo, Scania, Mercedes. Eis algumas das jornadas que já estão nos currículos de quem viaja para entender amiúde como a teoria se aplica à prática, tendo os grupos empresariais de ponta como parâmetros de análise, ao longo de uma semana laboral.



Jari Vieira coloca na estrada há 14 edições o projeto Pau de Arara

Experiência tão festejada e disputada internamente que se desdobrou em outra, complementar: no apagar das luzes de 2019, alunos do CCG se preparam para ir a Londres. Trata-se da primeira viagem internacional e interdisciplinar do Centro coordenado pela professora Danielle Coimbra, que vibra não só pela possibilidade de carimbar os passaportes dos alunos como também por abrir o leque para áreas de conhecimento diversas, incluindo no “combo” o valor agregado de um curso de inglês in loco, casado à imersão junto às empresas inglesas das áreas de comunicação e gestão. Serão 15 dias de dedicação integral ao programa Business English, que centra foco no ensino da língua inglesa voltada para negócios.

Caminho sem volta. Ainda para 2020, a coordenadora anuncia: o CCG, através do projeto Bagagem, irá para Israel, mais um destino internacional tão desejado pelos docentes quanto o Vale do Silício quando o interesse em questão é start-ups e empresas globais de tecnologia. Às voltas com toda a logística e operacional de mais uma viagem, Danielle lembra, entretanto, que



as derivas são resultados de um projeto educacional maior. “A partir de 2016, demos início a mudanças nas matrizes curriculares de todos os cursos do CCG. Investimos numa formação muito mais centrada em competências, partindo de um modelo cada vez mais experiencial. Para o século XXI, a formação meramente técnica não atende às novas demandas do mercado e nem aos novos desafios que se apresentam para futuros gestores. Então, projetos como o Pau de Arara e o Bagagem, que envolvem tanto discentes quanto docentes nesse movimento de aproximação da realidade e de contato com experiências, nos dizem bem mais sobre o dia a dia das mais diversas profissões”, defende.

O abrir-se para o mundo também é lição para replicar internamente. “A ordem é quebrar esses muros, esses paradigmas de limitações entre áreas. A gente sabe que hoje, por mais que você tenha uma formação que caminha para uma área específica, precisa ter repertório e habilidade para se relacionar com todas as áreas. Então, buscamos potencializar

“DESDE 2016, INVESTIMOS NUMA FORMAÇÃO MUITO MAIS CÊNTRADA EM COMPETÊNCIAS. A FORMAÇÃO MERAMENTE TÉCNICA NÃO ATENDE ÀS NOVAS DEMANDAS DO MERCADO E NEM AOS NOVOS DESAFIOS QUE SE APRESENTAM PARA FUTUROS GESTORES”.

DANIELLE COIMBRA
Diretora do Centro de Ciências da Comunicação e Gestão

esse encontro entre as áreas do Centro por meio dessas experiências. A tendência é que, cada vez mais, esses projetos que nasceram em determinados cursos possam ser abertos e que, futuramente, alunos de toda a universidade possam acessar. O Pau de Arara já é assim”, anuncia a coordenadora.

A internacionalização das universidades brasileiras e a perspectiva interdisciplinar das experiências de imersão também vêm responder às novíssimas demandas do Ministério da Educação em relação à inclusão das ações extensionistas dentro dos currículos. “A orientação é para os alunos estarem cada vez mais envolvidos com projetos extra-muros, desenvolvendo práticas que explicitem esse conhecimento adquirido e possam impactar fora da universidade. Essas limitações espaciais não existem mais. Você se forma na Unifor, mas vai ter que trabalhar com equipes que estão em várias partes do mundo. Essa economia geek, do ser autônomo que não necessariamente está vinculado a uma empresa, é tendência no mercado... então esses projetos vêm contribuir ainda para que o aluno seja cada vez mais protagonista da história dele, se empodere e seja influenciador”, acredita a coordenadora do CCG.

Para Danielle, junto ao momento hiperconexão, a figura do professor muda junto, assim como os próprios processos de aprendizagem. “Hoje, você pode ter a Biblioteca de Havard dentro da sua casa. Ou acessar cursos de qualquer lugar do mundo na tela do seu computador. Antigamente, havia o tempo de estudar e o tempo de trabalhar. Hoje não temos mais. É trabalhando e estudando ao mesmo tempo. E não pode parar de estudar nunca. As pessoas terão que se requalificar para continuarem trabalháveis – e não só empregáveis. Então, o desafio da universidade é permanecer um lugar interessante, de novos conhecimentos e →

RUMO AO NORDESTE FOTOGÊNICO



“NÃO! EU NÃO SOU DO LUGAR DOS ESQUECIDOS! NÃO SOU DA NAÇÃO DOS CONDENADOS! NÃO SOU DO SERTÃO DOS OFENDIDOS! VOCÊ SABE BEM: CONHEÇO O MEU LUGAR!”.

Conheço o meu lugar, letra e música de Belchior.

Em deriva pelo Nordeste do Brasil, o projeto Pau de Arara tem sede de imagens. Mas não qualquer uma. Ele colhe e se farta da iconografia de saberes e fazeres próprios da cultura nordestina, eternizando, através da prática fotográfica, tanto a memória como a força criativa perene do nordestino. Saído da cabeça do professor Jari Vieira, que está à frente da disciplina de Fotografia nos cursos de Jornalismo e Publicidade e Propaganda da Universidade de Fortaleza, nasceu justamente com tal missão: voltar o espelho para o rosto multifacetado e cada sinal de expressão da vitalidade contida naquele microcosmo complexo que, a seu ver, precisa ser sistematicamente escavado, como um poço profundo e sem fim.

“Somente entendendo de onde vieram e vislumbrando a beleza dessa matriz

é que os profissionais do futuro poderiam impactar, através de seus trabalhos, a realidade onde irão atuar. E eu precisava convencê-los disso, mas de preferência fora da sala de aula, em situações empíricas. Foi quando primeiro fizemos passeios fotográficos entre as praças do Centro da cidade, que poucos também conheciam. Em 2004, finalmente formatei o Pau de Arara e nossa primeira viagem foi para Redenção. Fomos e voltamos no mesmo dia. Mas não julguei satisfatório. Mergulhar fundo em qualquer modo de vida ou expressão artística requer tempo e qualidade de atenção. Assim, fui aperfeiçoando o projeto até ele fazer jus ao lema dado por uma ex-aluna: ir perto para ver longe”, refletiu.


Bancado integralmente pela Unifor, o Pau de Arara hoje tem periodicidade



semestral e reúne cerca de 40 alunos em cada edição. Canindé, Quixadá, Flexeiras, Mundaú, Guajiru e Guaramiranga são alguns dos destinos e paisagens que as primeiras turmas de viajantes vieram a fotografar.

Em 2020, o projeto Pau de Arara vai para sua décima quinta edição. É quando docentes e discentes do CCG pretendem também lançar um livro de relatos e imagens em torno de suas viagens. Quem já pegou o ônibus que vai cada vez mais longe tem o que comemorar: já foram visitados 18 municípios e quatro estados, incluindo, além do Ceará, Paraíba, Pernambuco (Exu, casa de Luiz Gonzaga e Serra Talhada, casa de Lampião) e Piauí (Serra da Capivara, entre pinturas rupestres com mais de dois mil anos).

“As viagens são como aulas interdisciplinares, por isso o Pau de Arara acabou ampliando as inscrições para todo o campus. O único impedimento é se o candidato não tiver cursado a disciplina de Fotografia. Mas a intenção é mesmo abraçar as mais diversas áreas de conhecimento, até porque é nessa interação que o aprendizado se torna mais rico e o olhar mais plural e refinado”, afirma o professor que hoje se considera apenas um indutor de experiências, deixando para alunos e alunas o papel de protagonistas de todo um processo de concepção e organização prévia do projeto. Todos trabalham de forma colaborativa para traçar roteiros, produzir a logística, montar as exposições.

Mesmo diante dos crivos, quem participou quer ir de novo. E isso, segundo Jari, chega a ser um problema: “na última edição, foram 126 alunos inscritos para 40 vagas. Ou seja, 40 passam a me adorar e os demais passam a me odiar. Por fim, acredito que nossas premiações em concursos e eventos ligados à comunicação também ajudam a manter o íbopo do projeto. E isso agrega valor à universidade, sem dúvida”. 



Alunos do curso de Administração visitam a fábrica de caminhões da Mercedes Benz em São Paulo

UM GRANDE NEGÓCIO

Apertem os cintos e administrem os ânimos. Aquela empresa-modelo, referência mundial nas áreas de gestão, start up, empreendedorismo ou inovação, que até então figurava como um ídolo pop inacessível ou acenava distante por entre livros-chaves da bibliografia do curso de Administração, está de portas abertas para vocês, alunos da Universidade de Fortaleza. Eis o convite e a oportunidade que se abrem, ainda no decorrer da graduação, e semestralmente, para administradores e gestores em formação dispostos a afivelar as malas, aportar algum investimento particular e garantir uma vaga no projeto Bagagem, criado

pelos professores Paulo Pinho e Danielle Coimbra, mas hoje coordenado pelo professor Josimar Costa, um entusiasta da iniciativa encampada em 2017.

Em sua quinta edição, o projeto Bagagem já fez decolar a ideia original de, extra-muros, aproximar cada vez mais teoria e prática.

Devidamente equilibrado, o eixo pesquisa-empreendedorismo-liderança não parou de pedir mais. Assim é que veio o toque de Midas: ao final da graduação, para que o aluno concluísse com êxito o projeto de criação ou expansão factível de um negócio, era preciso fazê-lo ver, de perto, como grandes ideias se tomam, efetivamente, sólidos e arrojados empreendimentos. Foi quando o projeto Bagagem se encarregou do choque de realidade que todos e todas sonham em experimentar, a julgar pela velocidade com que o site do curso teve que encerrar as inscrições para a última edição: exatos 15 minutos.

Natura, Embraer, Ernest & Young, fá-

bricas da Volvo, da Scania, da Mercedes. Isso e, mais recentemente, endereços “quentes” em Recife: fábrica da Jeep, o Porto Digital, uma área de startups e o Porto de Suape, tudo para findar a jornada empreendedora com o conhecimento sensível que também pode vir por meio das artes, no Instituto Brennand. O projeto não para e 2020 reserva um salto largo: já está em fase de curadoria a primeira edição internacional do Bagagem. Destino: Israel e seu patrimônio inestimável nas áreas de start ups e inovação. “Dessa vez, a roupagem é diferente. Iremos levar os alunos para conhecer as empresas que são referências mundiais sim, mas também queremos colar a isso um banho de cultura e uma experiência de formação, um plus. Queremos que o aluno que volte do Bagagem internacional com certificação de um curso de empreendedorismo, ao mesmo tempo em que possa enriquecer o seu repertório sensível”, observa o professor.

Para garantir novamente o sucesso da empreitada, docentes e discentes já estão a mil. “Há toda uma fase de curadoria e preparação prévia que é comum a todas as viagens, com reuniões e estudos aprofundados acerca das empresas visitadas. Na volta, também solicitamos relatórios e apresentações em equipes daquilo que os alunos apreenderam. E a ideia futura é fazer um grande simpósio com todos os que já participaram, cruzando esses dados para gerar discussões, artigos e estudos de casos, a fim de que os professores possam usar em sala de aula sistematicamente”, antecipa Josimar.

Na esteira do Bagagem, o curso de Administração também aposta na “internacionalização”. Isso porque a ordem também é abraçar o programa Business English, ou inglês para negócios, que irá levar para Londres, logo no início de 2020, grupo de 15 alunos do CCG a fim de não só visitar empresas de comunicação e gestão, como também para aprimorar a língua inglesa. **U**



“O PROFISSIONAL DO SÉCULO XXI DEVE SER ALGUÉM CAPAZ DE TRANSFORMAR IDEIAS CRIATIVAS EM SOLUÇÕES REAIS”.

JOSIMAR COSTA
Coordenador de Administração

→ novas experiências, a partir de um diálogo cada vez mais próximo entre mercado e academia. O conhecimento precisa ser testado e validado. É um processo de retroalimentação”, enfatiza.

E se o conhecimento já foi prerrogativa do professor, ela lembra que isso igualmente se modificou. “O professor que vai pra sala de aula achando que o papel dele é levar conteúdo não se sustenta mais nesse mundo volátil e complexo. Essas gerações y, z, já chegam com outras expectativas porque nasceram com a tecnologia na mão. O professor é um grande facilitador e conector de experiências. Aponta possibilidades, faz as conexões e abre caminho para que os alunos sejam desafiados desde cedo. E aqui é o lugar para eles se prepararem, se experimentarem, se inserirem no mercado, tendo ciência da importância do preparar-se. Porque a competição só cresce e o mercado seleciona cada vez mais por competência. Mas para quem é bom e se esforça não falta trabalho!”, destaca.

É vale enfatizar: no CCG, internacionalização faz parte do DNA. Há

programas de dupla titulação internacional para os cursos de Administração, Economia e Comércio Exterior. Os convênios já firmados são com duas universidades da Alemanha e mais o Instituto Politécnico de Bragança, em Portugal, onde alunos da Unifor estudam por um ano para depois retornarem e concluírem seus cursos de graduação, tendo, ao final, diploma validado no Brasil e na comunidade europeia. Em média, 15 a 20 disciplinas são ofertadas em inglês. E há ainda os intercâmbios junto a mais de 90 instituições conveniadas no mundo. “Em 2020, já estaremos em negociação para instituir dupla titulação nos cursos ligados à Comunicação Social”, anuncia a diretora do CCG.

Tudo porque, segundo Danielle, imperativo no século XXI é estar apto a lidar com as diferenças e a diversidade do mundo. “Pragmatismo e criatividade precisam caminhar juntos e hoje a gente só vê riqueza nessa troca e na diversificação de repertórios”, acentua. Para ela, também vem pesando na boa equação

a qualidade do corpo docente e a abertura da própria instituição frente a um movimento coletivo de construção de processos pedagógicos não para as pessoas, mas com elas. “No CCG, 90% dos professores estão no mercado, atuam na área em que eles ensinam. Então, eles trazem as experiências para a sala de aula e são muito articulados com outras instituições, públicas e privadas. Essa articulação e essa inserção são frutos de reconhecimento e experiência. Além disso, a Unifor tem 46 anos de história, é uma instituição sólida, com grandes profissionais já no mercado e isso também abre muitas portas. Os rankings em nível nacional e internacional estão aí para provar”, assinala.

Inovar. E também pensar na capacitação permanente dos professores. Eis o espírito dinâmico, plural e propositivo que anima o CCG. “Reinventar-se, aqui, é palavra de ordem. Somos inquietos”, afirma a coordenadora que também se graduou na Universidade de Fortaleza e, literalmente, cresceu junto com ela. “Meu pai, Carlos Alberto Batista, chegou na Unifor em 1973. Foi reitor por quase 20 anos e trabalhou por 40 anos na universidade. Tenho fotos minhas aqui com 3, 4 anos. Então, é vocação sim, mas é paixão também. Sou apaixonada pela educação. E a Unifor, para mim, desculpe o trocadilho, é uma viagem”, conclui. **U**

VIDA QUE PULSA NO CAMPUS

720 MIL METROS QUADRADOS DE CAMPUS COMO SALA DE AULA. SEJA POR SUA ARQUITETURA, SEU PAISAGISMO, SUA FAUNA E FLORA, SEUS ESPELHOS DE ÁGUA EM LAGOS E FONTES, SUA PRODUÇÃO ACADÊMICA E SOCIAL OU MESMO POR SEU ACERVO DE GRANDIOSAS OBRAS DE ARTE, O TERRITÓRIO DA UNIVERSIDADE DE FORTALEZA SE COLOCA COMO UM POTENCIAL EXPERIMENTO DE CONHECIMENTO E CONTEMPLAÇÃO. ESSAS PONTUAÇÕES TRANSFORMAM O ESPAÇO EM UMA ARENA DE ESTUDO PARA ALÉM DE QUATRO PAREDES, O QUE VEM MODIFICANDO A ROTINA DE ESTUDANTES E SEUS MESTRES NO COTIDIANO.

TEXTO / EMANUEL FURTADO

FOTOS / ARES SOARES

■





**“SE ELES NÃO
SAÍREM DA SALA
DE AULA, NÃO
CONSEGUIRÃO
ENTENDER A VIDA”**

Adriana Santiago,
professora de Jornalismo

Para além da sala de aula, os cursos de Jornalismo e de Publicidade e Propaganda, assim como o de Cinema e Audiovisual, têm procurado investir e explorar a diversidade do campus por meio da fotografia, de matérias jornalísticas, vídeos e filmes, provocando a circulação de alunos, que encontram na Universidade de Fortaleza uma espécie de microcosmo repleto de imagens, sons, narrativas, acontecimentos e novidades gerados e ligados entre si, dentro do ambiente acadêmico.

Professora de Jornalismo Digital, Adriana Santiago conta que em quase todos os trabalhos ligados à geolocalização e à fotografia, os estudantes vão desbravar o campus não só para conhecê-lo, mas para que consigam identificar os pontos de localização, já que a universidade é extensa. “Hoje eu tenho um trabalho que é fotografar as obras de arte que estão espalhadas pelo campus. Depois disso, os alunos têm que localizar isso em um mapa que colocamos na internet. É importante para o trabalho deles, porque tem a ver como reconhecimento do que é arte, do que é jornalismo”.

A jornalista Adriana Santiago, que também é professora de Jornalismo Investigativo, destacou uma pauta feita por seus alunos junto às escolinhas de esportes para crianças que existem na Unifor. “Procuramos investigar sobre o esforço que essas crianças fazem para ser atletas. Dessa forma, os alunos foram nessas escolinhas que são oferecidas às comunidades aqui dentro. Nós temos uma variedade enorme de possibilidades aqui. Quando eles saem, eles voltam muito mais animados, com uma história real, com uma história de vida bacana. É positivo avançar para fora da sala de aula. Eles têm que ir para a rua. Se eles não conhecerem o outro, não conhecerem a sociedade, o ambiente em que eles estão; se eles não saírem de sala de aula, não conseguirão entender a vida”.

Professor das disciplinas Poéticas da Imagem I e II do curso de Cinema e Audiovisual, Valdo Siqueira relata que procura utilizar o campus para que os alunos comecem a tomar contato com a técnica dentro de um ambiente com uma enorme variedade a ser explorada. No que diz respeito ao uso da fotografia para o cinema, tópico da disciplina ministrada logo no primeiro semestre do curso, Valdo diz que ela favorece o contato dos alunos com a câmera fotográfica de forma embrionária.

“O campus é inteiramente utilizado para essa disciplina. Primeiro porque ele é muito grande geograficamente e, para os alunos do primeiro semestre, tudo é muita novidade. Em geral, quando eu os levo ao campus e quero que eles tragam como resultado alguma temática a ser fotografada, desenvolvida, contada através de imagens, é tudo muito súbito para eles, que ficam muito impressionados com as possibilidades que o campus oferece, desde tatear casca de árvores que eles nunca tinham visto até pisar em solos como o de mangue, perto da lagoa. A experiência sensorial é muito rica”.

Já na disciplina Poéticas da Imagem II, que aborda a fotografia em movimento, Valdo diz que o campus é utilizado como *locus* da experiência cinematográfica. “Muitos filmes já foram feitos no interior do campus. Inclusive o filme ‘Oração para um cadáver desconhecido’ - selecionado para o Cine Ceará, do aluno Sávio Fernandes - foi feito quase que inteiramente aqui na universidade”, revela.

Segundo ele, os prédios e a arquitetura da Unifor favorecem que a própria universidade seja a locação dos filmes. “É bacana e providencial também, porque o campus oferece segurança para os alunos e há uma concisão de controle de som muito grande, já que eles filmam no final de semana, aos sábados e domingos, quando, na Unifor, ficam só os passarinhos (risos)”. **U**



“É TUDO MUITO SÚBITO PARA ELES, QUE FICAM IMPRESSIONADOS COM AS POSSIBILIDADES QUE O CAMPUS OFERECE”.

Valdo Siqueira, professor de Cinema e Audiovisual

MUITOS CAMPI EM UM SÓ

A infraestrutura da Unifor e o seu potencial têm despertado o interesse dos alunos, que se utilizam do campus como fonte de informação para os seus trabalhos acadêmicos, unindo a teoria à prática. “Ter aula fora de sala é muito positivo, principalmente na área da fotografia, onde tivemos experiências incríveis que conseguimos vivenciar. Para mim foi engrandecedor, porque a gente conheceu o campus inteiro, conhecemos os outros blocos de outros cursos. Já fizemos *splash* (efeito fotográfico), exposições de fotografias. A gente acaba tendo aquele apego. Sentimos que o campus é nosso e começamos a cuidar também dele”, destaca Amanda Nogueira, aluna do curso de Publicidade e Propaganda em relação à disciplina de Fotografia, ministrada pelo professor Jari Vieira.

Também aluna do professor Jari, Celina Guerra Diógenes, do curso de Jornalismo, conta que circular pelo campus para ela tem sido um prolongado crescimento. “É muito interessante ver os projetos que a Unifor oferece, como o Espaço Cultural, as aulas de campo, oficinas, referências e indicações que os próprios professores fazem. Isso se torna uma extensão do campus”. Como estagiária do Núcleo Integrado

de Comunicação (NIC), Celina diz que teve contato diário com a Escola Yolanda Queiroz e com o Espaço Cultural. “Além da oportunidade de ver de grandes pintores foi importante saber sobre o projeto social da escola e sobre a questão da comunidade de onde vêm as crianças”.

Outra aluna de Fotografia é Laura de Moura Viana, do curso de Publicidade e Propaganda. Através da experiência fora de sala de aula, ela fala que nunca havia imaginado a existência de uma lagoa dentro do campus. “Deu para fazer fotos muito interessantes. Nem parecia que eu estava dentro de uma universidade. Hoje em dia eu gosto muito mais daqui. Muitas vezes eu venho no fim de tarde. Acaba que se torna um local de paz para a gente. Nos sentimos acolhidos pelo campus”. **U**

“AO CONHECERMOS O CAMPUS, A GENTE ACABA TENDO APEGO. SENTIMOS QUE O CAMPUS TAMBÉM É NOSSO E COMEÇAMOS TAMBÉM A CUIDAR DELE”.

Amanda Nogueira, aluna de Publicidade e Propaganda

O campus da Universidade de Fortaleza reúne várias salas de aula a céu aberto



PATRIMÔNIO NATURAL INTEGRADOR

A utilização do campus da Unifor como sala de aula também é prática corrente no curso de Arquitetura e Urbanismo. “A cadeira, de Topografia frequentemente se utiliza, das áreas externas do campus para exercitar os alunos na medição topográfica: bater o nível, utilizar os instrumentos de medição e, a partir daí, eles vão reconhecendo a prática de fazer a topografia e o mapa topográfico, assim como vão entendendo isso no próprio campus aonde estudam e se relacionam”, explica o professor Pedro Boaventura.

Também professor da pós-graduação em Arquitetura de Interiores, da disciplina de Iluminação, Boaventura destaca que a Unifor dispõe de muitos espaços, como edifícios, vegetação de pequeno, médio e grande portes, situações de lazer, de tráfego, de caminhada, todos sugerindo uma iluminação diferente. “Em aulas recentes, utilizei o campus nesse sentido: com a ajuda do departamento elétrico da instituição, nós aplicamos os refletores em várias posições: direta, indireta, em cima de árvores, embaixo, apontando e não apontando para os prédios, para que os alunos pudessem ver a relação, a potência dos refletores em um efeito luminoso, a qualidade da iluminação. Isso foi impagável. Os alunos falaram muito bem dessa aula prática e se empolgaram, fazendo muitas perguntas. Foi muito interessante”.

Para Boaventura, o campus é um espaço diferenciado e privilegiado na cidade. “As regras que regem o campus não são as regras que regem a cidade. Então, temos

toda uma espacialidade que é muito própria do campus. É uma área verde dentro da cidade. Funciona como uma microcidade. As coisas que acontecem em sala de aula se complementam com o espaço do que está entre ou ao lado de fora. Por isso, é importante a Unifor usar o seu próprio campus como laboratório”, avalia.

Professora de Paisagismo do curso de Arquitetura e Urbanismo, Fernanda Rocha lembra que o campus é bastante utilizado por seus alunos. “Desde o interior da sala de aula, pois os laboratórios do bloco P, visualmente integrados com o exterior, proporcionam oportunidades de discussão de temas como: espaços livres, tipos vegetais etc. Além disso, aulas de campo reforçam a vivência segura do espaço livre e promovem discussões sobre organização espacial, legibilidade, identidade e apropriação dos espaços”.

“O QUE ACONTECE EM SALA DE AULA SE COMPLEMENTA COM O QUE EXISTE NO CAMPUS. É IMPORTANTE A UNIFOR USAR O CAMPUS COMO LABORATÓRIO”

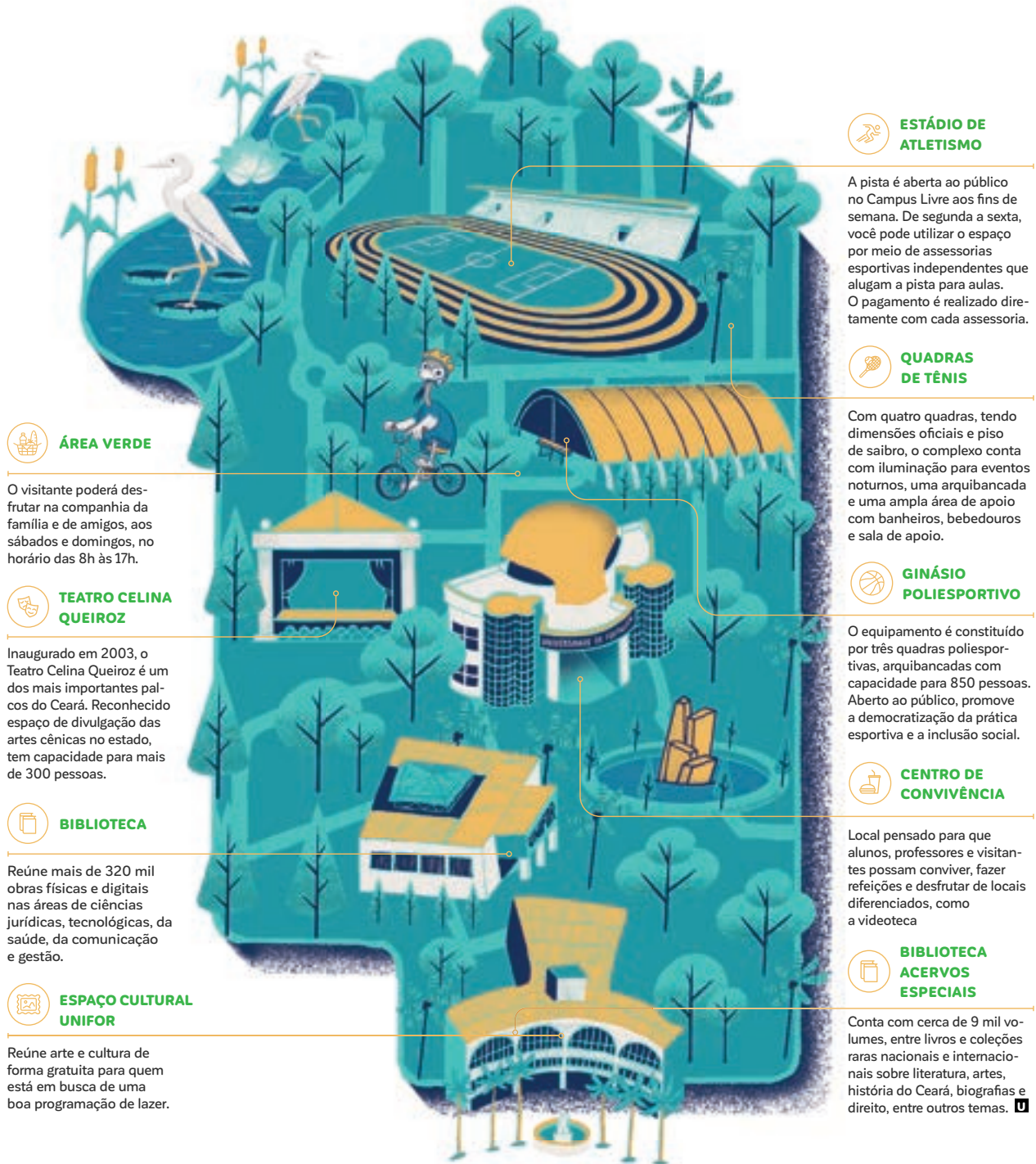
Pedro Boaventura, professor de Arquitetura e Urbanismo

Como coordenadora da Especialização em Paisagismo da Pós-Graduação da Unifor, ela diz que estimula professores a fazerem o mesmo em diversas disciplinas, “sendo recorrente a surpresa e admiração de professores de outros estados com a ambiência que aqui dispomos”. Sobre o resultado da aposta do campus como sala de aula, complementa: “são muitos os relatos dos estudantes, em diversos níveis de aprendizado, que passam a observar mais e melhor os elementos e as dinâmicas que compõem os espaços livres na cidade e em suas rotinas diárias, a partir das atividades e vivências aqui praticadas. O que antes eram apenas um pano de fundo difuso da paisagem passa a ser objeto de curiosidade e, conseqüentemente, de conhecimento. Desse modo, o campus proporciona a continuidade do aprendizado, funcionando como amálgama e estimulando novos olhares, cada vez mais responsáveis e integrados”.

Para ela, a Unifor tem como missão o compromisso com o desenvolvimento socioambiental, científico e cultural. “Então, não é apenas desejável, mas imperativo que seus espaços livres e construídos de modo integrado promovam experiências e práticas educativas. E isso pode ocorrer de modo sistemático, dentro das estruturas curriculares de cada curso, mas também na rotina do encontro com o outro: seja este um ser humano, um animal ou um vegetal. Nada mais estimulante para a criatividade que o encontro com o diferente, o belo e com o bem-estar que experimentamos no uso desses espaços”, avalia. **U**

VIVA ESSE CAMPUS

Com o objetivo de estimular o contato com a natureza e incentivar as atividades culturais num ambiente seguro e agradável, a Universidade de Fortaleza disponibiliza também aos finais de semana vasta programação. Os espaços possibilitam várias atividades, dentre elas, lazer, esportes, piqueniques, caminhadas e passeios de bicicleta, além da chance de contemplar a fauna e flora do Campus.



ÁREA VERDE

O visitante poderá desfrutar na companhia da família e de amigos, aos sábados e domingos, no horário das 8h às 17h.

TEATRO CELINA QUEIROZ

Inaugurado em 2003, o Teatro Celina Queiroz é um dos mais importantes palcos do Ceará. Reconhecido espaço de divulgação das artes cênicas no estado, tem capacidade para mais de 300 pessoas.

BIBLIOTECA

Reúne mais de 320 mil obras físicas e digitais nas áreas de ciências jurídicas, tecnológicas, da saúde, da comunicação e gestão.

ESPAÇO CULTURAL UNIFOR

Reúne arte e cultura de forma gratuita para quem está em busca de uma boa programação de lazer.

ESTÁDIO DE ATLETISMO

A pista é aberta ao público no Campus Livre aos fins de semana. De segunda a sexta, você pode utilizar o espaço por meio de assessorias esportivas independentes que alugam a pista para aulas. O pagamento é realizado diretamente com cada assessoria.

QUADRAS DE TÊNIS

Com quatro quadras, tendo dimensões oficiais e piso de saibro, o complexo conta com iluminação para eventos noturnos, uma arquibancada e uma ampla área de apoio com banheiros, bebedouros e sala de apoio.

GINÁSIO POLIESPORTIVO

O equipamento é constituído por três quadras poliesportivas, arquibancadas com capacidade para 850 pessoas. Aberto ao público, promove a democratização da prática esportiva e a inclusão social.

CENTRO DE CONVIVÊNCIA

Local pensado para que alunos, professores e visitantes possam conviver, fazer refeições e desfrutar de locais diferenciados, como a videoteca

BIBLIOTECA ACERVOS ESPECIAIS

Conta com cerca de 9 mil volumes, entre livros e coleções raras nacionais e internacionais sobre literatura, artes, história do Ceará, biografias e direito, entre outros temas. **U**

GILLES LIPOVETSKY: “NÃO EXISTE VIDA SEM PAIXÃO”

ABSOLUTAMENTE SEDUTORA, A PASSAGEM DO FILÓSOFO FRANCÊS GILLES LIPOVETSKY POR FORTALEZA, A CONVITE DA UNIVERSIDADE DE FORTALEZA, DEIXOU UM RASTRO INTEMPESTIVO DE PENSAMENTO CRÍTICO NA NOITE DE ABERTURA DA NONA EDIÇÃO DO MUNDO UNIFOR, EM OUTUBRO DE 2019. A EXORTAÇÃO QUE VEM DELE E OLHA NOS OLHOS DA HIPERMODERNIDADE, NÃO SEM POLÊMICA, DIZ RESPEITO À REVALIDAÇÃO URGENTE DE UMA DEMOCRACIA HUMANISTA QUE SAIBA EQUILIBRAR INDIVIDUALISMO E COMPETITIVIDADE COM SOLIDARIEDADE E SEGURIDADE SOCIAL, AO MESMO TEMPO EM QUE TENTA ESCAPAR DAS ARMADILHAS E ABISMOS DO “CAPITALISMO DA SEDUÇÃO”, AQUELE QUE AO INVÉS DE COAGIR E IMPOR AGORA SEDUZ E SUSSURRA APELOS IRRESISTÍVEIS DE CONSUMO AO PÉ DO OUVIDO CONTEMPORÂNEO.

TEXTO / ETHEL DE PAULA

FOTOS / ARES SOARES

U m Don Juan, o capitalismo, diz Lipovetsky, referindo-se ao espírito novida-deiro e ao apetite insaciável do sistema de governo que ora ele enxerga como um perigoso algoz ora como um versátil provocador de impulsos e desejos que saltaram da dimensão erótica para tocar as esferas política, econômica e cultural da vida social. “As práticas de sedução acompanham o homo sapiens. Todas as sociedades, na verdade, criaram maneiras e códigos para seduzir alguém. A maquiagem, por exemplo, existe desde o Egito Antigo. Mas quais os rituais hoje em dia? Estamos na internet, nos sites de namoro, 24 horas. Não precisamos mais nem conhecer as pessoas. E tudo deve ser rápido como *fastfood*. Há um imediatismo e, ao mesmo tempo, uma expansão da sedução, que virou uma economia enorme no capitalismo”, provoca.

Moeda corrente de um capitalismo cultural que afiou as garras, mais explicitamente, desde a Segunda Guerra Mundial, localiza o filósofo, referindo-se ao marketing político que tratou os protagonistas e coadjuvantes em batalha como celebridades. Hoje, a lógica da sedução que permeia a política, para Lipovetsky, tanto pode estar presente na ascensão de políticos populistas em várias partes do mundo como nos meios de comunicação e redes sociais. “Quantos likes você terá? É esse tipo de sedução pela emoção que vem gerando vários tipos de narcisismo em nossa sociedade: primeiro foi o narcisismo estético, para agradar através da aparência. Agora é o narcisismo digital, através de imagens, postagens, fotos. Falar de você próprio, exibir-se, na esperança de ser valorizado. Eis o capitalismo da sedução, que faz nascer a economia do consumo, regulada pela lógica permanente da sedução, aonde você é bombardeado pelo marketing, tentado constantemente a comprar, curtir. A tentação se tornou uma instituição. Você deve comprar isso ou aquilo para ser mais feliz”, ilustra.



Gilles Lipovetsky esteve em Fortaleza a convite da Fundação Edson Queiroz para participar do Mundo Unifor

Como tudo que seduz prima pela estética, Lipovetsky observa: “a estetização chegou até aos aeroportos, que eram simples lugares para embarque e desembarque. Agora, além de um design arrojado e atraente, são espécies de shopping-centers, tem tudo ali e tudo parece nos convocar a uma experiência, não é apenas consumir. As lojas criam todo um *mise-en-scène*. O turismo também não vende mais só viagens, há de se experimentar uma imersão”. Diante de críticas mordazes ao capitalismo, o pensador heterodoxo prefere não engrossar o coro dos pessimistas. “É verdade que o capitalismo da sedução produz destruição, desigualdades, desastres ecológicos. Mas a crítica talvez seja excessiva. Nem tudo é ruim e nem tudo podemos jogar fora. Tem aspectos positivos, como o aumento na expectativa de vida, o avanço da ciência... Temos é que tentar imaginar e inventar um novo capitalismo da sedução, casado à responsabilidade social e ambiental. Mas não podemos voltar atrás”, defende.

Para ele, o individualismo irresponsável não é via de mão única na hipermodernidade. “O ideal de justiça não morreu. As pessoas ainda se envolvem em associações, há ações de voluntariado... E o individualismo responsável deve triunfar. Como? Primeiro, claro, o Estado deve assumir um papel mais ativo pela justiça social e meio ambiente. Segundo, deve-se reinvestir na educação. Essa é a grande tarefa do século XXI, para que as pessoas venham a pensar com sua própria cabeça e inventar novas formas de viver”, vaticina. Para tanto, a Educação, acredita, também precisa calibrar seu poder de sedução. Nem a educação severa e “pulso firme” dos anos 1950, onde uma criança sequer podia falar à mesa, nem a flexibilidade total de hoje, que leva pais e mestres a não saber dizer “não” para filhos e educandos.

“A lógica da sedução faz triunfar a idéia da educação mais lúdica, permissiva, que deve seduzir. Educação não é seduzir. Isso não forma. A educação *cool*, descolada, legal parece não ter

deixado os jovens interiorizarem as normas. Ao contrário, criam pessoas frágeis porque estão desarmadas, não sabem confrontar o real ou se defender. Educação é todo um trabalho por trás da sedução para que um cidadão tenha formação crítica e possa desbancar uma *fake news*, por exemplo. Portanto, há de se reinventar o sistema escolar. A sedução foi longe demais. Tem que ser algo entre a disciplina e a sedução”, arrisca prescrever. Para Lipovetsky, a educação é a voz da inteligência. E somente por meio dela é que os desafios da ciência podem ser superados.

“Continuo acreditando na ciência e nas soluções técnicas. Em 2050, teremos cerca de 10 bilhões de pessoas no planeta. Não vamos alimentar essas pessoas com valores morais e sim com soluções que virão dos laboratórios, das empresas, das universidades. Então o que devemos fazer é encontrar novas fontes de energia e meios de diminuir as desigualdades sociais. É um grande desafio pela frente”, frisa.

Certo do imprescindível e fundamental papel do Estado, sobretudo no tocante a legislações, Lipovetsky prefere destacar a figura do professor. “O professor é nobre em países desenvolvidos. Temos que valorizá-lo, como também aos jovens que irão resolver os problemas futuros. Precisamos nos inspirar nas experiências pedagógicas que prosperaram, como, por exemplo, na Finlândia, em Singapura, na Coreia do Sul. O mais importante para o futuro é o investimento na inteligência de homens e mulheres”, diz.

Foco ainda na cultura, habitat natural da imaginação e das sensibilidades. Para o filósofo, o trabalho de formação cidadã que aguça o olhar crítico no capitalismo da sedução deve vir acompanhado de uma formação artística nas escolas e nas universidades também. Tudo porque arte – e esporte, por extensão – tem poder de inclusão e assim podem ser eficazes armas de combate daquilo que ele chama de



“Quantos likes você terá? O narcisismo estético deu lugar ao narcisismo digital, por meio de imagens, postagens e fotos. Exibir-se, na esperança de ser valorizado”.

“desnarcisação” entre os jovens. Tomando o termo emprestado da psicanálise, trata-se de algo como não amar a si mesmo ou não ter uma boa imagem de si. “Hoje, os adolescentes têm grandes problemas a enfrentar: violência, drogas, evasão escolar. Assim, não conseguem interagir em sociedade, daí vão se integrar a redes obscuras, onde têm acesso a dinheiro e se integram a gangues, cedendo à delinquência juvenil. Nós não damos a esses jovens ferramentas de integração. Ou seja, eles não sentem orgulho deles mesmos. E tentam compensar isso com roupas de grifes e fazendo coisas para agradar os outros, como os traficantes”, argumenta.

Se a ordem é formar cidadãos, artistas dentro da escola, portanto. E quanto mais cedo o gosto pela arte e a prática artística se tornarem regras tanto melhor, afirma Lipovetsky. “Isso pode resgatar o orgulho de si. Algo como

“não sou muito bom em matemática, mas toco bem um saxofone”. Arte não é só prazer, ela vem para dar mais sentido à vida e torná-la mais criativa e apaixonante. Quando não há paixão nem criação o *smartphone* do momento vai parecer sedutor. O consumo ocupa esse vazio. E comprar não pode ser o centro da vida”, alerta o filósofo que defende o investimento na Pedagogia da Paixão para diminuir o vício consumista.

Para Lipovetsky, remodelar o lugar central da educação artística no sistema educacional é ainda um voltar-se ao ideal humanista e democrático, ao regime político que prega a igualdade entre os seres humanos. Ação igualmente desafiadora. “Na França, houve um projeto de democracia cultural que fracassou. A idéia era abrir espaços culturais de graça para as pessoas. Mas só quem freqüentava museus era a elite. As pessoas das

periferias e dos lugarejos distantes não vinham, sequer sabiam do que se tratava. Simplesmente porque é na escola que essa formação deve começar. A sensibilidade do olho, das mãos, do corpo deve ser estimulada desde criança”, reitera. Quando isso não acontece, há de se voltar então para o início do jogo. Assim, lembra o filósofo, não é à toa que muitos movimentos amadores de altíssimo nível artístico estão se multiplicando.

“Eu não gosto do meu trabalho, não vejo futuro nem graça nele, mas quando vou à noite para o meu coral cantar, ali eu encontro sentido e felicidade. É isso o que a democracia permite aos seres humanos: serem melhores no que fazem. Faz parte do projeto político democrático elevar o nível das pessoas. Não é só ir lá e votar”, enfatiza. E o que dizer sobre a onda populista que ameaça regimes democráticos no mundo inteiro? Para Lipovetsky, eis o retrato da crise da cidadania hipermoderna e da representatividade das instituições, que tem gerado não apenas indiferença, desparticipação ou distanciamento da política, mas desconfiança.

“Não se confia mais em praticamente nada. Nem no presidente, nem no partido, nem no sindicato, nem nas instituições em sua maioria. Não acreditam na política. E há um sentimento de desgosto. Isso é preocupante, porque vêm daí as manifestações de ódio, os conflitos violentos. A retórica política do ódio cresce cada vez mais com as manifestações populistas em várias partes do mundo, aonde, se alimentando da desconfiança, o populista diz: eu não sou como eles da elite, sou e falo como você, sou do povo, eu sozinho trago as soluções, os outros são traidores e corruptos, devem ir para a cadeia. Assim, o populismo seduz com promessas e demagogia as pessoas com baixa escolaridade, aqueles que não encontraram instrumentos para se tornarem cidadãos críticos”, adverte.

Há ainda o aumento da insegurança em diferentes esferas da vida social: polí-

“NÃO ACHO QUE A INTERNET CRIARÁ UM NOVO EINSTEIN. PESQUISAS JÁ DEMONSTRAM QUE QUEM ALCANÇA OS MELHORES RESULTADOS SÃO AQUELES QUE ESTÃO MAIS IMERSOS NA ESCOLA E TÊM POUCA PRÁTICA COM REDES SOCIAIS”.

Gilles Lipovetsky

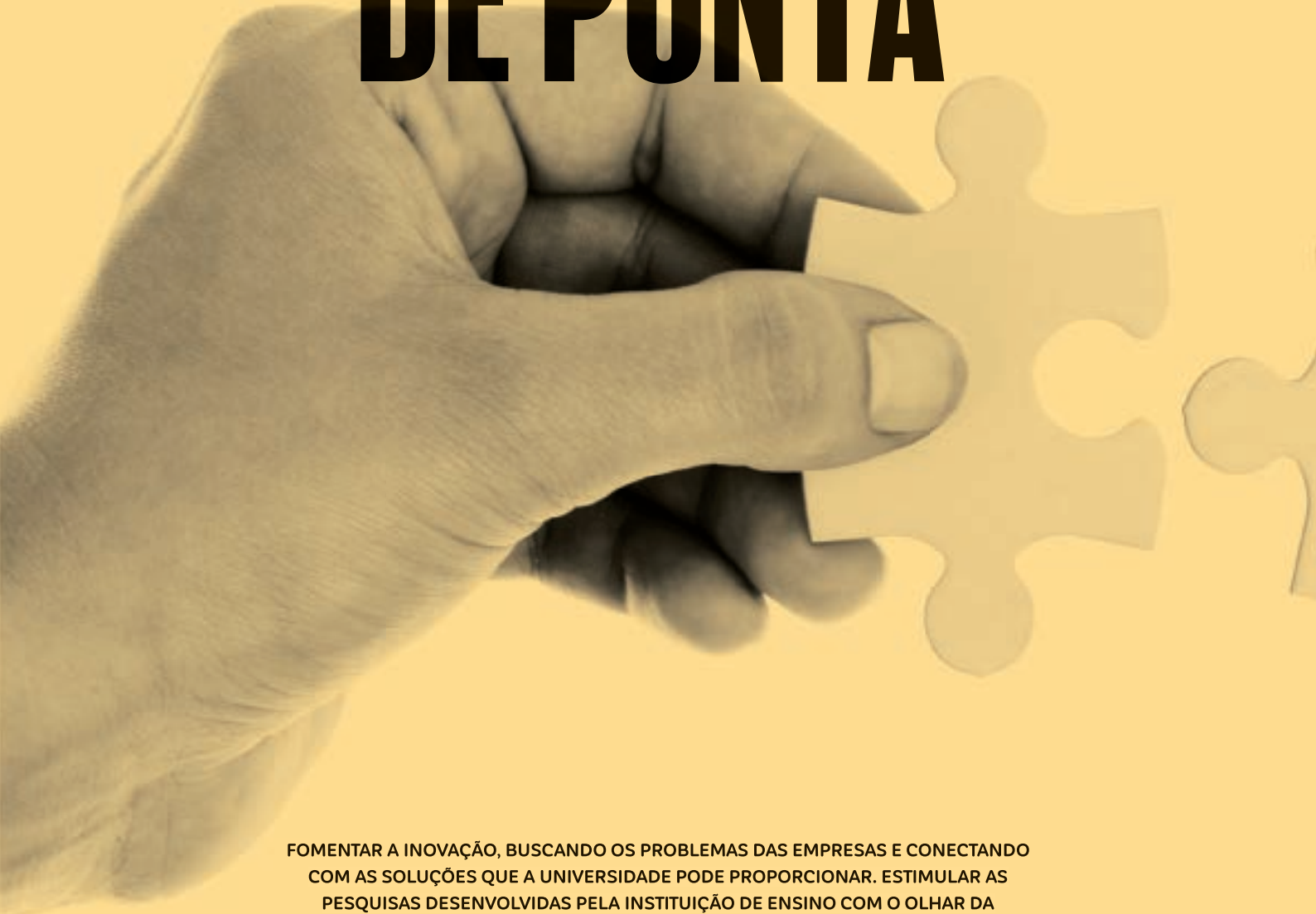
tica, econômica, cultural, planetária. E o populismo respondendo perigosamente com promessas de proteção. “O Brasil é um dos países mais violentos do mundo, aí vem alguém e diz: vamos botar ordem na casa. É preciso criar formas de proteção para os cidadãos não se sentirem tão abandonados à sua própria sorte. Conciliar liberdade individual e sentimento de proteção. Flexibilidade econômica e seguridade social. Isso deve ser o norte da política. Não existe só o modelo americano. Países democráticos precisam de solidariedade e modelos compatíveis com a globalização. E o sistema educacional tem que integrar as pessoas ao mercado sim, mas na perspectiva de que sejam mais críticas, ativas, criativas. Só assim não cairão na armadilha populista”, sugere.

Ao propor a construção de um híbrido entre consumidores e criadores, Lipovetsky

esbarra ainda na internet, o lugar da “revolução”, onde tudo parece possível. “Sou cético diante desse entusiasmo. Não acho que a internet criará um novo Einstein. Pesquisas já demonstram que quem alcança os melhores resultados são aqueles que estão mais imersos na escola e têm pouca prática com redes sociais”, adianta. Assim, ele acredita que os professores precisam sim intervir na utilização desregrada de celular na escola. “Escola não é lugar para WhatsApp ou Facebook, é para aprender e se concentrar. Fizeram um teste na França e o resultado foi que, afastados do celular, os estudantes começaram a gostar mais da aula, porque passaram a prestar mais atenção e deixaram de ser interrompidos por tantas mensagens. Todos gostaram: alunos e professores. Smartphone é para o seu tempo livre. E quando utilizado no contexto escolar que seja com a mediação do professor. A tela como instrumento pedagógico, guiada e acompanhada pelo professor”, polemiza.

A provocação também se dirige às universidades: o que ensinar? O que seria um bom programa de história? O que a pessoa não pode deixar de saber para entender o mundo de hoje? Segundo o filósofo, há de se criar comitês de reflexão voltados especialmente para a formação de pensamento crítico. “Hoje a internet é porta principal da informação e não há nada de dramático nisso. Mas temos problemas. É preciso educar para que os jovens se interroguem diante da internet, para que verifiquem a informação, saibam as procedências das fontes, chequem o que se coloca ali como verdade. Isso se ensina na escola sim, desde muito cedo. Isso é uso da internet como ferramenta de acesso ao conhecimento”, frisa, lembrando que, cada vez mais, afetamos e somos afetados por uma economia criativa. Assim, precisamos de idéias. E, para que floresçam, “a escola não pode deixar de tocar o coração dos jovens”, lapidar as suas sensibilidades e tomar a cultura como vetor para a paixão. “Não existe vida sem paixão”, sintetiza. **U**

TECNOLOGIA DE PONTA

A close-up photograph of a hand holding a single puzzle piece. The hand is positioned on the left side of the frame, with the thumb and index finger gripping the piece. The puzzle piece is light-colored and has a unique shape with several protrusions and indentations. The background is a solid, warm yellow color. The overall composition is clean and focused on the act of holding the puzzle piece, symbolizing technology and innovation.

FOMENTAR A INOVAÇÃO, BUSCANDO OS PROBLEMAS DAS EMPRESAS E CONECTANDO COM AS SOLUÇÕES QUE A UNIVERSIDADE PODE PROPORCIONAR. ESTIMULAR AS PESQUISAS DESENVOLVIDAS PELA INSTITUIÇÃO DE ENSINO COM O OLHAR DA APLICABILIDADE, ATENDENDO AS DEMANDAS DO MERCADO. EIS ALGUNS DOS OBJETIVOS DO PARQUE TECNOLÓGICO DA UNIFOR.

TEXTO / EMANUEL FURTADO FOTOS / ARES SOARES



R\$ 5 milhões

É o valor já investido pela
Fundação Edson Queiroz no
Parque Tecnológico da Unifor

Uma porta de comunicação para as organizações empresariais privadas e instituições públicas que buscam inovação com o apoio acadêmico. Já se vão dois anos desde que o Parque Tecnológico da Universidade de Fortaleza vem se sedimentando. Os investimentos em projetos chegam a R\$ 5 milhões nesse período, feitos por parceiros públicos e privados.

A grande novidade é sua ampliação. Desde novembro de 2019 passa por reformas, para entrar 2020 mais estruturado e com nova carta de parcerias. Para isso, o aporte de cerca de R\$ 500 mil feito pela Fundação Edson Queiroz



“AS EMPRESAS PARCEIRAS TÊM O COMPROMISSO DE INVESTIR RECURSOS NO DESENVOLVIMENTO DE PROJETOS DE INOVAÇÃO EM CONJUNTO COM A UNIVERSIDADE DE FORTALEZA”.

Vasco Furtado, Diretor de Pesquisa, Desenvolvimento e Inovação (DPDI)

deve aumentar de 10 para 20 o espaço para empresas, gerando um aumento de aproximadamente 100%, com novos pares de pequeno, médio e grande porte.

“O Parque Tecnológico é um espaço em que organizações e instituições públicas se instalam na universidade. São parceiros que estão juntos em laboratórios temáticos, atrelados a professores e alunos que os usam para desenvolver seus produtos e suas inovações. Gradativamente, estamos transformando todo o prédio do Bloco M (cerca de 2000 m²) nesse novo local, incluindo a reforma da nossa incubadora”, explica o professor Vasco Furtado, Diretor do Departamento de Pesquisa, Desenvolvimento e Inovação (DPDI) da Universidade de Fortaleza.


Segundo ele, a criação do Parque Tecnológico veio de uma necessidade mercadológica. “A iniciativa busca fazer com que as pesquisas desenvolvidas na universidade impactem mais a vida das pessoas. Então, uma das formas de impactar é chegando ao mercado, não somente por meio da iniciativa privada, mas também do poder público”, diz. “O Parque Tecnológico é uma forma de dizer: venham aqui para dentro da universidade, que internamente vamos poder fazer coisas juntos. E essas empresas atraídas que chegam têm o compromisso

“NÓS QUEREMOS AGREGAR VALOR ÀS EMPRESAS PARCEIRAS, BUSCANDO AUMENTO DE FATURAMENTO E DE ESPAÇO NO MERCADO EM QUE ATUAM, AO MESMO TEMPO EM QUE EMBARCAM EM TECNOLOGIAS DE PONTA”.

Ricardo Colares, coordenador da Incubadora do Parque Tecnológico da Unifor

de investir recursos no desenvolvimento de projetos de inovação em conjunto com a nossa instituição de ensino”.


Com a ampliação, o Parque Tecnológico vai incluir, novas salas, assim como a criação do Laboratório de Ciências de Dados e Inteligência Artificial. “Hoje já temos laboratórios de engenharia do conhecimento, de engenharia de software, de usabilidade e experiência do usuário e de inovação em cidades. Esses laboratórios compartilham o espaço físico do TEC Unifor, o que facilita a interação universidade-empresa. Ressalte-se ainda que essa interação favorece a formação de nossos alunos de graduação e de pós-graduação, pois os mesmos participam de projetos com problemas reais e desafiadores trazidos pelo mercado”, explica.

Uma retroalimentação. “É bom entender que, quando a gente produz uma inovação com uma empresa, isso pode gerar um produto que vai ser vendido, retorna em *royalties* para a universidade, que pode assim investir mais em pesquisa. Então, temos um mecanismo de sustentabilidade que colocamos em funcionamento, provocando um círculo virtuoso de produção de conhecimento e crescimento da economia”, acrescenta Vasco, que integra o quadro docente da Universidade de Fortaleza há mais de três décadas. 

O DESENVOLVIMENTO DE EMPRESAS NASCENTES

“Incubadora já é um termo mundialmente conhecido. A proposta dela no Parque Tecnológico é abrigar empresas nascentes (startups) - em analogia a uma incubadora de ser vivo -, onde você dá um apoio a esse recém-nascido que chega sem as condições para enfrentar a adversidade do mundo real, digamos assim. Dessa forma, oferecemos esse aparato para aumentar a taxa de sucesso delas junto ao mercado. Essa estratégia vem no sentido de reverter um quadro de alta mortalidade de organizações que o setor mercadológico aponta. E estamos conseguindo superar essa questão”, explica o professor Ricardo Colares, coordenador da Incubadora do Parque Tecnológico.

De acordo com ele, formação, elaboração de plano de negócios, desenvolvimento de produtos e serviços em bases tecnológicas, além da competência da universidade junto aos laboratórios e ao seu sólido corpo docente, são algumas dessas estratégias criadas pelo Parque Tecnológico para fortalecer seus parceiros, gerando um empreendedorismo inovador.

“Tudo isso é uma mesma estrutura gerida pela Diretoria de Pesquisa, Desenvolvimento e Inovação, com o propósito de criar hoje pequenas corporações que amanhã vão ser organizações de grande porte e de sucesso que hoje existem no mercado. O nosso gol final é que a empresa entre com um nível de maturidade e saia com outro. Nós queremos agregar valor a elas, buscando aumento de faturamento e espaço no mercado em que atuam, ao mesmo tempo em que embarcam nas tecnologias”. 

GRANDES PARCEIROS. GRANDES RESULTADOS



Carlos Eduardo Salles, gerente geral da Esmaltec: desenvolvimento de projetos em parceria

Para fortalecer o sucesso conquistado desde a sua implementação, o Parque Tecnológico da Unifor tem contado com grandes parceiros ligados ao varejo, à indústria e à área da saúde, por exemplo, que apostam na Universidade de Fortaleza para inovar, se reinventar, enfrentar a forte concorrência no mercado e garantir resultados financeiros positivos que impulsionem a expansão de suas organizações.

Presidente da rede de supermercados Pinheiro, o empresário Honório Pinheiro destaca que a parceria com a Unifor é de fundamental importância para o aumento da eficiência operacional da empresa. “O conhecimento acadêmico da universidade contribui, gerando desenvolvimento e inovação, bem como proporciona o terreno fértil para a aplicação da prática”. De acordo com ele, essa parceria tem avançado para a realização de grandes ideias.

Gerente Geral de Tecnologia da Esmaltec, Carlos Eduardo Salles destaca a relação de cooperação com a Unifor. “Fortificamos projetos de pesquisa avan-

çada nas mais diversas áreas do conhecimento, criando conexões científicas e tácitas aplicadas, sendo todas alavancadas pela demanda da indústria para resolver problemas reais. Desenvolvemos juntos projetos de curto, médio e longo prazos, porém todos com resultados financeiros impactando positivamente na empresa”.

CEO da empresa ITC Vertebral, o fisioterapeuta Helder Montenegro conta que nos últimos anos a empresa investiu no desenvolvimento de uma plataforma integrada à inteligência artificial, capaz de interpretar os dados individuais de cada paciente e direcionar a tomada de decisões terapêuticas mais assertivas. “A inovação alcançada permite um tratamento finalmente unificado, reduzindo o número de erros clínicos e otimizando a qualidade de vida do paciente no âmbito da fisioterapia”.

Em parceria com o Parque Tecnológico da Unifor, o ITC Vertebral está desenvolvendo um *dashboard* (painel de controle) para compilar dados administrativos e clínicos da plataforma Scal - software de controle, gestão

“FORTIFICAMOS PROJETOS DE PESQUISA AVANÇADA NAS MAIS DIVERSAS ÁREAS DO CONHECIMENTO, CRIANDO CONEXÕES CIENTÍFICAS E TÁCITAS APLICADAS, SENDO TODAS ALAVANCADAS PELA DEMANDA DA INDÚSTRIA PARA RESOLVER PROBLEMAS REAIS”.

Carlos Eduardo, da Esmaltec

“A INOVAÇÃO
ALCANÇADA PERMITE
UM TRATAMENTO
FINALMENTE UNIFICADO,
REDUZINDO O NÚMERO
DE ERROS CLÍNICOS
E OTIMIZANDO A
QUALIDADE DE VIDA DO
PACIENTE NO ÂMBITO
DA FISIOTERAPIA”.

Helder Montenegro,
da ITC Vertebral



“O CONHECIMENTO
ACADÊMICO DA
UNIVERSIDADE
CONTRIBUI, GERANDO
DESENVOLVIMENTO
E INOVAÇÃO, BEM
COMO PROPORCIONA O
TERRENO FÉRTIL PARA A
APLICAÇÃO DA PRÁTICA”.

Honório Pinheiro,
de Supermercados Pinheiro

e organização para fisioterapeutas - e emitir relatórios com indicadores de desempenho relevantes para a comunidade de usuários das franquias do Grupo Velas (em breve, com a extensão para todo o mercado), além de um robô para extrair e agrupar dados de ensaios clínicos universais sobre lesões da coluna vertebral. “A coleta e a leitura inteligente dos melhores artigos científicos do mundo trazem a proposta de atualização rápida e permanente no atendimento fisioterapêutico, com o enfoque de sempre atribuir mais qualidade e assertividade aos tratamentos”.

Helder lembra que, contando com um banco de dados atualizado em tempo real e com as melhores práticas desenvolvidas na fisioterapia mundial: “conseguimos garantir que o fisioterapeuta consiga se orientar para atingir o principal objetivo do processo de diagnóstico, que consiste em tomar decisões clínicas mais eficientes, de acordo com os casos específicos dos pacientes, e assegurar o correto tratamento com base nas pesquisas mais reconhecidas do mundo”. **U**

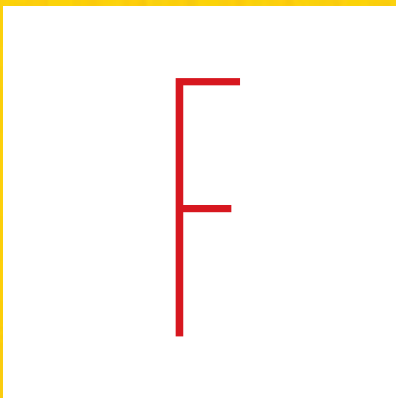
O QUE PODE O FEMININO: COISA DE MENINA?

O PSICANALISTA ITALIANO CONTARDO CALLIGARIS TEM MUITO A DIZER PARA O MUNDO: NO AMPLO ESPECTRO QUE VAI DA CULTURA À SUBJETIVIDADE OU DA ÉTICA À ESTÉTICA, ELE É VOZ MUITAS VEZES DISSONANTE EM MEIO AO SENSO-COMUM, MAS TAMBÉM UM ANCORADOURO QUE BUSCA TORNAR POSSÍVEL, POR MEIO DA ESCUTA CLÍNICA E DE UM PENSAMENTO FILOSÓFICO REFINADO, UMA MELHOR COMPREENSÃO DE SI E DO OUTRO, FAZENDO VALER A TAREFA QUE LHE É PECULIAR ENQUANTO PSICOTERAPEUTA DE EMPRESTAR MAIS SENTIDO À VIDA HUMANA.

TEXTO / ETHEL DE PAULA

FOTOS / ARES SOARES

■



Foi em Milão, cidade-natal italiana, que Calligaris começou seus estudos em Ciências Políticas, o que o levou, em maio de 1968, a ir para Paris participar das revoltas estudantis. No final daquele ano, mudou-se para a Suíça, onde estudou letras e filosofia, na Universidade de Genebra. Na década de 1970, experimentou fazer terapia. E se viu tão interessado por psicanálise que mudou de área. Em 1975, aceito como membro da Escola Freudiana de Paris, cidade onde morou até 1989, ensinando na Universidade Paris VIII, ouviu de perto e atento as ideias proferidas por filósofos como Roland Barthes (1915-1980) e Michel Foucault (1926-1984), além de acompanhar os seminários ministrados por Lacan, sua principal influência no percurso de formação em psicanálise.

De passagem por Fortaleza no último mês de outubro, como convidado do Mundo Unifor, o também colunista da Folha de S. Paulo sentou ao lado da psicóloga e psicanalista Maria Homem, pesquisadora do Núcleo de Pesquisa Diversitas – estudos das diversidades, intolerâncias e conflitos da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, para lançar o livro escrito a quatro mãos pela dupla: “Coisa de Menina? Uma conversa sobre gênero, sexualidade,

maternidade e feminismo”. Com Maria, respondeu a perguntas sobre gênero, machismo, recalques e formas milenares de governo não só do pensamento ou comportamento humanos, como também - e sobretudo - do desejo e do inconsciente coletivo.

De mãos dadas para investigar uma disputa de forças objetivas e subjetivas que remete às origens e desdobramentos do cristianismo, ambos localizam historicamente como a mulher sempre representou o maior dos perigos à sanha de poder e hegemonia dos homens. Daí porque celebram em uníssono suas revoltas e seus revides contemporâneos, desconstruindo mitos, profanando o sagrado, desnaturalizando normas e papéis sociais e abrindo-se à exortação da capacidade humana demasiado humana de viver e deixar viver. A seguir, trechos da conversa:

No livro “Coisa de Menina? Uma conversa sobre gênero, sexualidade, maternidade e feminismo”, Maria Homem escreve: “acho bom que uma mulher e um homem debatam o feminino, embora dizer isso já seja complicado porque significa que estamos afirmando que há uma mulher e que há

um homem, o que é polêmico para o pensamento contemporâneo. Será que eu sou mulher? Será que você é homem, Contardo?”

Contardo Calligaris - Vamos pensar juntos. No final do século XVIII, há o que chamo de “a brecha”, isso depois de 17 séculos de cristianismo, quer dizer, do tipo de cristianismo que acabou triunfando, ligado à transcendência ou à idéia de que nossa vida fosse uma prova para uma eternidade depois da morte. Ou seja, se nós não seguissemos essa indicação seríamos para sempre viúvas de uma transcendência perdida, num drama subjetivo que povoou os dois últimos séculos, de um Deus que





O psicanalista italiano Contardo Calligaris durante a participação na 9ª edição do Mundo Unifor

não nos vê e não nos fala. Esse período foi a vitória de grandes religiões exclusivistas e missionárias que ainda hoje se encaram: o cristianismo e o islã, duas religiões que têm que decidir em que os outros acreditarão. É justamente por causa da brecha, de um momento em que o indivíduo voltou a respirar de alguma forma e olhar para sua vida concreta, que veio uma reação contra isso que se mostrou infinitamente maior. Pense bem: o que faz com que, não nas “trevas” da Idade Média, mas no meio da Renascença, no começo do século XV, bem no momento em que escrevem filósofos extraordinários e se cria a República das Letras, justo no momento em que os intelectuais europeus se escrevem, o materialismo volta a ser uma palavra significativa, tudo isso volta, essa incrível capacidade de

pensar, mas bem ali, paradoxalmente, é o momento em que o cristianismo é tomado por uma sanha missionária e assassina tremenda? É bem naquele momento em que se queimam heréticos como se acendem cigarros, é bem naquele momento em que 60 mil mulheres são enforcadas, esquartejadas e queimadas Europa afora. Por que? A resposta é simples: é porque quando você coloca alguém numa posição de dúvida da própria fé ele vai corrigir sua dúvida nos outros, não nele mesmo. Se eu começo a duvidar da minha fé porque alguém me diz que a terra é redonda, ou poderia não estar no centro do universo, preciso pegar Galileu e dizer a ele: retrata ou então eu te retrato do meu jeito. Ou seja, a minha dúvida eu a resolvo no outro e se transforma diretamente em perseguição. Isso começa muito cedo

na história do primeiro cristianismo. Algo aconteceu aí que colocou não só o cristianismo em direção de perseguição de um outro cristianismo possível, mas colocou sobretudo ao centro da cultura ocidental, que já era uma cultura machista e patriarcal por si só, a misoginia. E é a partir disso que nos encontramos, eu e Maria, e escrevemos esse livrinho.

Maria Homem - Você falou em caça às bruxas e na internet já existem vários vídeos para contar a história do livro e como ele foi feito. Inclusive respondendo à pergunta por que um homem como co-autor: é justamente por se tratar de um sujeito que pensa o feminino e tem uma pesquisa específica sobre isso. Daí essa escrita em conjunto. Então, quero pular direto para 2019 e retomar a fala de uma pastora X, soldada

de Cristo, que afirmou o seguinte, há poucas semanas: “bastam dois minutos para um esposo fecundar a sua esposa: o resto é vício, perversão e socialismo. Glória a Deus”. Contardo, vai lá, acho que a partir daí dá pra desenvolver vários aspectos que a gente trata delicadamente nos dez capítulos do livro.

Calligaris - A gente tem uma coleção de pérolas como essa hoje, porque depois que o livro ficou pronto toda semana saía uma. Tem também a do bispo Waldemar, como a gente chama, porque o nome não pode ser dito, como Harry Potter. Ele anunciou e veio a público dizer que a filha dele não podia estudar, porque filha dele não podia ser “cabeça”, porque, se fosse, não acharia marido, já que no casamento “cabeça” é o marido.

Maria Homem - E para uma boa relação se sustentar precisa ter a cabeça, sendo que a mulher então, a partir desse raciocínio, deve ser e o rabo, não é?

Calligaris - Bom, a gente tem toda a filosofia alexandrina, esses caras como o Sêneca, preocupados com a idéia do autocontrole. Isso por si só já seria um tema interessante a ser desenvolvido: qual o fundamento ético-filosófico da grande aventura do autocontrole, uma problemática tão importante para o pensamento humano desde o começo. Mas, de repente, o que os ditos padres da igreja fazem com isso? O que eles fazem com isso é colocar o desgoverno do seu próprio desejo como sendo um pecado. Não são poucas palavras. Há dezenas de páginas escritas nos três primeiros séculos para os caras explicarem de onde vêm as ejaculações noturnas no sono. São páginas e páginas, então tem essa imensa especulação sobre o desgoverno de seu próprio desejo. E a resposta é a que eles encontram no Gênesis, que foi escrita 700 anos antes, com os judeus. A resposta é:

“SEGUNDO A OMS, AS MULHERES SOFREM EM MÉDIA DE 24 A 30 ABUSOS FÍSICOS ANTES DE REALMENTE DAR QUEIXA. ISSO É PERIGOSÍSSIMO!”

Contardo Calligaris

a tentação. O meu desgoverno é o efeito da tentação que a mulher representa. Não é muito diferente do que você ouve em 2019 na padaria da esquina quando dizem que afinal ela foi estuprada porque estava de saia curta. Não é diferente. É absolutamente a mesma história. E nasce aí uma dimensão de ódio ao feminino e do desejo feminino que não para.

Maria Homem - Uma equação mulher-demoníaco-irracional-descontrole. Podemos avançar uns séculos, histeria, essa louca, essa histérica... Até chegar no hoje e usar o nome mais moderno medicalizado: “está de TPM, gata?” Então, é muito arraigado mesmo. É muito profundo esse conceito que a gente teria uma lógica binária na diversidade do mundo aonde, em última

instância, há claro-escuro, sol, Apolo, masculino, a lua, o feminino, as regras, a água. A instabilidade aqui, a estabilidade acolá. *Logos e pathos*, bem e mal. Então, é ordenado isso, é uma trama milenar. E no livro, obviamente, colocamos tudo em xeque. Por exemplo, esse delegado Waldir. Vocês sabem a imagem que ele achou por bem usar, falando algo como “a gente é que nem mulher traída, apanha, mas volta pro aconchego”. Olha é até cansativo, mas vamos decupar. Nessa ótica, mulher tem uma sutil equivalência com traída, não é? Então, há uma naturalização desse conceito. Homem traído, corno, até 20, 30 anos atrás, tinha direito a meter bala na garota. Há países em que metem pedra, que cortam e tem uns que cortam antes o clitóris para dar um jeito de a mulher não gozar, porque é perigoso esse negócio de gozo feminino. A mulher inteira é demoníaca, a maçã, uma tentação e partes dela, em particular, são muito pesadas. Mas enfim é quase uma naturalidade o homem, que é aquele ser desejante, potente, viril, o falo, o pênis ereto. A cultura usa uma teoria evolucionista pra dar conta disso. Essa naturalização do desejo masculino que seria por uma diversidade de fêmeas e também uma naturalização do suposto desejo feminino que seria fazer o lar, o ninho clássico para receber um macho que lhe fecundaria e ajudaria a cuidar da prole. Então, nesses termos, a mulher gosta menos de sexo, tem menos parceiro, e o homem naturalmente tem mais, sai por aí, porque é viril, macho, ou seja, seria natural o homem trair. Talvez tenha até mulher que goste e se excite vendo o homem se relacionar com outra mulher. Enfim, a dinâmica inconsciente do gozo é complexa, mas a segunda parte do raciocínio é: ainda assim, apanha. Então, além de você formatar uma categorização do que seria desejo de macho e desejo de fêmea você ainda a pune pelo seu próprio desejo. Porque

se ela reclama, se queixa, dá “piti”, ela ainda tem que apanhar. Então, é traída e sofre abuso, é abusada. Mas quem é o falo aqui? Quem é o maravilhoso? De quem ela precisa? Porque mulher sem homem não é nada, não é mesmo? E ela apanha e fica na dúvida: o que eu fiz de errado? Alguma coisa eu fiz, se ele está me abatendo. Tá, eu volto, para o grande aconchego. Não, realmente!

Calligaris - Não quero dar mais importância ao delegado Waldir do que a Sêneca, por exemplo, mas o fato é que, isso sabemos pelas estatísticas, as mulheres que são vítimas de abuso físico, tem um numero exato fornecido pela OMS, elas sofrem esse abuso de 24 a 30 vezes, antes de realmente dar queixa, o que é perigosíssimo! E outra coisa interessante é que, tudo bem, os homens e as mulheres eventualmente se matam, ou seja, matam um ao outro, isso não é surpreendente, as mulheres geralmente envenenam os homens. Mas os homens inventaram um negócio diferente agora: enquanto as mulheres, depois da separação, se tornam stockers digitais, ou seja, ficam seguindo o cara de quem se separaram para continuar vendo no Facebook ou Instagram com quem eles andam - e perdem um tempo danado com isso - os homens inventaram outras estratégia que é: eles matam a ex. Podem observar, não tem uma semana em que não aconteça. E se trata da ex de três, quatro, seis anos atrás. Isso é um registro de ódio da própria possibilidade de que haja um desejo feminino.

Maria Homem - Para muito além do governo de si, o autocontrole, o recalque mais complexo que isso é o controle do outro, que a gente também desenvolve no livro. A idéia absurda de que eu tenho que arbitrar, ajuizar e eventualmente punir o seu gozo, como se eu não o suportasse. A gente trabalha no livro um sintoma específico e profundo

“NO LIVRO, A GENTE ABORDA UM SINTOMA ESPECÍFICO DA CULTURAL OCIDENTAL, QUE É O DE HOMEM NÃO SUPORTAR O GOZO FEMININO E NEM O CORPO E O DESEJO DA MULHER”.

Maria Homem

da cultura ocidental que é a lógica patriarcal na sua derivação ultrami-sógina de não suportar o gozo feminino, o corpo nem o desejo da mulher. Mas tem o simples controle do outro também, qualquer que seja o outro. A própria lógica religiosa opera a partir daí, sobretudo as religiões messiânicas, que dizem: eu sou o caminho, a verdade e a vida. O Islã é especular nesse sentido, guerra santa, né? Então a própria brecha iluminista, que é a modernidade, à luz da Razão, a modernidade seria a ideia de que todos somos indivíduos, todos somos iguais perante a lei e simplesmente se tem uma tarefa: viver sua vida e deixar o outro viver a dele. É simples, não é? Se pensarmos bem não é complicado. Se todo mundo combinar que o jogo é esse acho que a gente evolui um pouco. O que não dá pra suportar é essa ideologia que hoje está mandando: você tem um problema? Bala, mira na cabecinha, aí resolve...

Calligaris – E veja: quem sobrou tentando inventar uma vida na imanência, a partir dessa herança clássica e iluminista propriamente? Os psicoterapeutas em geral. Se tem uma coisa que os psicoterapeutas têm em comum é a tarefa de pensar em como valorizar a vida concreta sem precisar de uma transcendência. Ou seja, sem recorrer a valores externos, dar algum sentido na vida concreta do paciente. Sem esse princípio você não tem psicoterapia. Então, a psicoterapia só tem essa ambição: como na vida concreta do paciente – nela mesma e não fora dela – é possível descobrir alguma coisa que a valorize. Psicoterapia é, portanto, um trabalho quase estético, um trabalho de recriação narrativa de uma vida, de atenção dada a uma vida de tal forma que ela se valorize, mas não porque os espíritos da tribo te amam ou algo assim. Então, desde a brecha, justo naquele momento em que parecia que os ideais dos clássicos, de Sêneca e de Sócrates, ou seja, a capacidade de viver na imanência, de prestar atenção à vida que realmente está acontecendo, o que aconteceu que de repente não nos parece tão óbvio nem tão fácil que a gente volte realmente a se interessar pela nossa vida concreta? Como isso aconteceu eu não sei, mas o meu veredicto pessimista, e é por isso que escrevemos esse livro, eu e Maria Homem, é que isso tudo só vai piorar, como diria Lacan. Vai piorar porque não estamos num acidente de percurso.

Maria Homem – Olha, o meu lado otimista vai dizer o seguinte: tem uma reação em curso assustadora também aí. Não sei como está aqui no Ceará. Mas tá complexo, né? Por que sou otimista? Primeiro, como psicanalista, sou a favor do desrecalque, então deixa vir. Vem e que se diluam as ilusões, os encantamentos, os fetiches,



Maria Homem e Contardo Calligaris lançaram recentemente o livro “Coisa de Menina – Uma conversa sobre gênero, sexualidade, maternidade e feminismo”

o brasileiro cordial, a democracia racial. O próprio pensamento social do Brasil sobre si mesmo está se revendo. Então, metodologicamente, é: deita aqui no meu divã e fala mais sobre isso. Ah, então pode estuprar? Fraquejou? Deu fêmea? Desenvolve... É mesmo? Conta para mim... A segunda questão é conteudística, mas também de método: se estão berrando tanto é porque está doendo. E se está doendo tanto é porque algo está se deslocando de um lugar de privilégio, perdendo o tal do falo, que não é o pênis. Dói perder, é um luto violento, é aquele último sopro da afirmação de um poder que vem de uma forma destrambelhada. E, em última instância, na real, já perdeu, né? Desculpa! A mulherada está na rua. A gente está falando, pensando, sentindo, está botando na roda... pode vir com suas narrativas, posso escutar até. Mas acho que as meninas estão advertidas sobre isso. Meu conselho pragmático é: não dá bola, sabe? É responder com um

“vamos lá, levantar, procurar emprego”, sabe? (risos)

Calligaris - Tem uma herança cultural imensa aí, mas, em última instância e generalizando muito, numa família, por onde passa o machismo? É o homem quem o transmite ou a mãe? Eu tendo a pensar que, frequentemente, seja a mãe que transmite ao filho o machismo. Devemos atentar para o fato de que o feminismo é um tremendo trabalho para os homens, mas também um tremendo trabalho interno para as mulheres. E não existe um feminismo. Existem muitos femininos, até porque já existe uma vasta e longa história do feminismo. Freud deu uma tremenda contribuição. E não estou muito preocupado em saber se Freud foi feminista ou não. Mas se você pega o feminismo dos anos 1980, para a americana Andrea Dorkim, qualquer sexo heterossexual é um estupro, mas isso faz parte da patologia dela, sofreu

muito abusos a vida inteira. Ou seja, há uma serie de justificativas. Todos têm justificativas e responsabilidades.

Maria Homem - Freud foi um homem do seu tempo, formado basicamente num certo positivismo cientificista do século XIX, patriarcal e tal. E ele soube dar um lugar de escuta diferenciado para as históricas nesse mesmo século XIX. E sem essa escuta, que fez uma inversão, ou uma subversão, como diz o Lacan, talvez não tivesse nem havido o feminismo propriamente em sua potência, sobretudo como ele veio a existir na segunda metade do século XX. Então, Freud é feminista e não é feminista, é patriarcal e não é patriarcal ao mesmo tempo. E essa é a complexidade de qualquer inventor de uma epistême. O livro “Coisa de Menina?” tem quatro grandes pilares - e o último é justamente o feminismo, aonde a gente faz uma discussão um pouco mais fina desse debate contemporâneo inescapável. **U**

ETERNA GRATIDÃO

28 ANOS

PAULO ANDRÉ BATISTA /
RECÉM-GRADUADO EM JORNALISMO

AS EXPERIÊNCIAS TEÓRICAS E PRÁTICAS QUE TIVE, DESDE O PRIMEIRO DIA DE AULA, FORAM ESSENCIAIS PARA O MEU CRESCIMENTO PROFISSIONAL.

Entrei na Universidade de Fortaleza no segundo semestre de 2012. Já havia começado jornalismo em outra universidade, mas optei por começar do zero na Unifor.

As experiências teóricas e práticas que tive, desde o primeiro dia de aula, foram essenciais para o meu crescimento profissional.

As aulas tinham muito conteúdo, dinamismo e o retorno do investimento era claro. Durante dois anos, estive longe do curso e da Universidade para trabalhar fora do país.

Quando voltei, o curso estava diferente, a matriz curricular era outra e, apesar de eu estudar na matriz anterior, ainda pude estudar disciplinas da ma-

triz nova que estavam mais atualizadas e que me preparavam para o mercado atual. Meu momento marcante foi em 2017, quando consegui entrar para a TV Unifor, onde fui repórter e apresentador de programas de música e sustentabilidade.

Os temas dos programas me interessavam muito e, a partir disso, comecei a desenvolver outros ramos que o jornalismo proporciona.

Nesse tempo, consegui entrevistar palestrantes americanos, conversar com ONGs, dar voz a novos artistas cearenses e mostrar o meu lado jornalístico.

Foram oito meses muito especiais que guardo na memória e no currículo com muito carinho. Sempre gostei de passar o tempo na praça entre os blocos R e Q. Ali me encontrava com os

amigos que fiz ao longo de todos esses anos de graduação, estudei, descansei, ri, guardei memórias em fotos e vídeos e até mesmo faltei aulas. Para mim é o local que me vem à memória quando eu penso na Unifor.

Agora, estou terminando o curso. Mesmo com a saudade que irei sentir da rotina de estudos, que eu sei que fará falta, estou muito ansioso para a próxima etapa e quem sabe voltar à universidade para uma pós-graduação ou até mesmo para contar aos novos alunos, como professor, essa experiência que aqui descrevo. Obrigado por todos os momentos, Unifor!". [U](#)

Paulo André Batista

ALUNOS QUE FIZERAM HISTÓRIA NA UNIFOR

FOI UM LONGO PERCURSO TRILHADO ATÉ AQUI. MAS AGORA É HORA DE COMEMORAR! OS GRADUANDOS 2019.1, AGORA NOVOS PROFISSIONAIS, SAEM CHEIOS DE SONHOS E COM UM FUTURO BRILHANTE PELA FRENTE. SEJAM FELIZES E NÃO ESQUEÇAM: A UNIVERSIDADE DE FORTALEZA É DE VOCÊS. PARA SEMPRE.

Fotos: Ares Soares



ADMINISTRAÇÃO



ARQUITETURA E URBANISMO



CINEMA E AUDIOVISUAL

Fotos: Ares Soares e Saulo Galdino



DIREITO



PUBLICIDADE E PROPAGANCA



ENERGIAS RENOVÁVEIS

ENFERMAGEM



ENGENHARIA DE PRODUÇÃO



ENGENHARIA ELÉTRÔNICA





ENGENHARIA ELÉTRICA



ESTÉTICA E COSMÉTICA

EVENTOS



ENGENHARIA CIVIL



ENGENHARIA DE TELECOMUNICAÇÕES

FARMÁCIA



FISIOTERAPIA



JORNALISMO



MEDICINA



ODONTOLOGIA



CONHEÇA OS CURSOS DE **PÓS-GRADUAÇÃO** DA UNIVERSIDADE DE FORTALEZA

ESCOLA DE ARTES & DESIGN **NOVO**

TIPOGRAFIA E DESIGN EDITORIAL
ESCRITA E CRIAÇÃO
FOTOGRAFIA E ANÁLISE DA IMAGEM
CRIAÇÃO PUBLICITÁRIA
PERFORMANCE E MERCADO EM TEATRO MUSICAL

ESCOLA DE COMUNICAÇÃO E GESTÃO

MBA EM GESTÃO EMPRESARIAL
MBA EM GESTÃO COMERCIAL
MBA EM GESTÃO FINANCEIRA
MBA EM LOGÍSTICA
MBA EM GESTÃO ESTRATÉGICA DE MARCAS
MBA EM LIDERANÇA E GESTÃO DO FUTURO
MBA EM GESTÃO DE SERVIÇOS E RELACIONAMENTO COM O CLIENTE
MBA EM GESTÃO DA INDÚSTRIA TÊXTIL E CONFECÇÃO

ESCOLA DE DIREITO

ESPECIALIZAÇÃO EM DIREITO E PROCESSO ELEITORAL
ESPECIALIZAÇÃO EM DIREITO E PROCESSO PENAL
ESPECIALIZAÇÃO EM MEDIAÇÃO E GESTÃO DE CONFLITOS
ESPECIALIZAÇÃO EM DIREITO SOCIETÁRIO E NEGÓCIOS EMPRESARIAIS
ESPECIALIZAÇÃO EM DIREITO E PROCESSO CONSTITUCIONAL
ESPECIALIZAÇÃO EM DIREITO INTERNACIONAL

ESCOLA DE SAÚDE

ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOMOTRICIDADE
ESPECIALIZAÇÃO EM FISIOTERAPIA NEONATAL E PEDIÁTRICA
ESPECIALIZAÇÃO EM TOXICOLOGIA
ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOLOGIA HOSPITALAR
ESPECIALIZAÇÃO EM GERONTOLOGIA

ESCOLA DE TECNOLOGIA

ESPECIALIZAÇÃO EM PATRIMÔNIO E RESTAURO
ESPECIALIZAÇÃO EM GERENCIAMENTO DE OBRAS APLICADO A NOVAS TECNOLOGIAS
MBA EM MODELAGEM DE INFORMAÇÕES NA CONSTRUÇÃO (BIM)
ESPECIALIZAÇÃO EM GERENCIAMENTO DE PROJETOS
ESPECIALIZAÇÃO EM ERGONOMIA
ESPECIALIZAÇÃO EM ENGENHARIA E SEGURANÇA DO TRABALHO





INVISTA NA SUA CARREIRA

LIDERE AS MUDANÇAS
EM SUA PROFISSÃO

**MATRÍCULAS ABERTAS
PARA CURSOS EM
TODAS AS ÁREAS**

**20% DE DESCONTO
PARA EX-ALUNOS
ESPECIALIZAÇÃO E MBA**



SECRETARIA DA
PÓS-GRADUAÇÃO UNIFOR
BLOCO B, SALA B-8
UNIFOR.BR/POS-GRADUACAO
(85) 3477-3174